

**ASSOCIAÇÃO PARADIGMA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO**

TATIANA LANCE DUARTE

**EFICÁCIA DE PROCEDIMENTOS DE SUPERVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA
TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO**

São Paulo

2018

**ASSOCIAÇÃO PARADIGMA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO**

**EFICÁCIA DE PROCEDIMENTOS DE SUPERVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA
TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO.**

TATIANA LANCE DUARTE

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do Título de Mestre Profissional em Análise do Comportamento Aplicada, na Instituição e Associação Paradigma, Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento.

**Orientação do Prof. Dr. Roberto Alves Banaco
Co-orientação do Prof. Mestre Hélio José Guilhardi**

**São Paulo
2018**

TATIANA MARIA CARVALHO LANCE DUARTE

**EFICÁCIA DE PROCEDIMENTOS DE SUPERVISÃO NA CONSTRUÇÃO DA
TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do Título de Mestre Profissional em Análise do Comportamento Aplicada, na Instituição e Associação Paradigma, Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sonia Beatriz Meyer
Universidade de São Paulo (USP)
Titular

Prof. Dr. Fernando Albregard Cassas
Associação Paradigma
Titular

Prof. Mestre Hélio José Guilhardi
Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento (ITCR)
Co-orientador

Prof. Dr. Roberto Alves Banaco
Associação Paradigma
Orientador – Presidente da Banca Examinadora

São Paulo, SP, 02 de maio de 2018.

AGRADECIMENTOS

A meus queridos pais, Afonso e Maria de Lourdes, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos momentos mais importantes de minha vida. Eles, que sempre me possibilitaram todas as condições iniciais para meu ingresso na Psicologia e foram meus modelos mais significativos de dedicação e afetividade, merecem minha sincera gratidão.

Ao meu amado marido, Emerson, agradeço especialmente pelo incentivo e ideia para que eu iniciasse o Mestrado, dando continuidade aos meus estudos. Com paciência inesgotável, soube conviver com minhas ausências semanais, horas de estudos aos finais de semana e, principalmente, com meu cansaço e minhas aflições. Obrigada por estar ao meu lado apoiando-me, ouvindo-me, socorrendo-me nas horas em que precisei e torcendo sempre pelo meu sucesso. Em especial, por você ter se dedicado cuidadosamente na revisão das normas da APA exigidas para a finalização da dissertação.

Ao meu tão dedicado co-orientador, Hélio José Guilhardi, que, juntamente comigo, acreditou neste projeto, minha sempre admiração de exemplo profissional. Professor que colaborou com muito empenho, estruturando uma equipe competente para o planejamento minucioso e a execução do projeto piloto de pesquisa, mas, principalmente, para a fase de coleta de dados. Muito obrigada por sua participação fundamental e presença em todas as fases do trabalho para que eu pudesse realizar esta conquista.

Ao meu orientador, Roberto Alves Banaco, que me deixou livre para que pudesse conduzir este projeto, agindo sempre de forma conciliadora e sensata. Mostrou-se uma pessoa extremamente cordial, disponível, flexível e paciente para com todas as minhas solicitações. Obrigada por seu apoio, orientações e contribuições para a realização deste trabalho.

Ao longo desses dois anos, na fase de planejamento e execução do projeto piloto, pude contar com a ajuda de algumas colegas de trabalho. Com gratidão a vocês por todas as horas de sextas-feiras para reuniões: Camila Comodo, Florença Justino, Priscila Ribeiro e Renata Gomes, minha lembrança carinhosa por toda a ajuda com suas brilhantes sugestões para construção e melhoria do projeto.

À minha querida amiga e companheira de trabalho Marília Zampieri por sua dedicação nos ensaios da apresentação do projeto na fase de Qualificação.

À Eloisa Piazzon, psicóloga, pela paciência inesgotável, companhia e bom humor nas gravações.

Agradeço carinhosamente às queridas colegas Gisela Müller e Luciana Daud que, com dedicação e muita disponibilidade de horários, prontificaram-se em me ajudar desempenhando os papéis fictícios de clientes neste projeto pesquisa.

Aos colegas João Eduardo Catanni e Carolina Espindola agradeço por me ajudarem com as questões técnicas e operacionais de edição e transcrição dos vídeos.

À Noreen Aguirre, psicóloga, que, com dedicação e prazer, fez a versão em Inglês do resumo deste trabalho.

Um agradecimento especial aos alunos-psicoterapeutas voluntários que permitiram que seus atendimentos fossem gravados e transcritos para que eu pudesse analisar e discutir todos os dados coletados para esta pesquisa.

Por fim, obrigada aos professores da Banca de Qualificação por suas contribuições e por seus ensinamentos, proporcionando melhorias em meu trabalho.

RESUMO

Duarte, Tatiana Lance (2017). *Eficácia de Procedimentos de Supervisão na Construção da Tríplice Contingência de Reforçamento*, 2018. Dissertação de Mestrado – Mestrado Profissional, em Análise Aplicada do Comportamento na Associação Paradigma: Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, São Paulo.

A supervisão clínica é uma atividade indispensável na formação do psicoterapeuta por promover o aprendizado do repertório de identificar, descrever, intervir, analisar, enfim, as contingências de reforçamento que operam nas interações psicoterapeuta-cliente. Tal repertório comportamental é fundamental para se conseguir identificar e descrever as circunstâncias em que os comportamentos dos clientes ocorrem nas interações do seu mundo cotidiano. O comportamento é uma unidade funcional e interativa, que deve ser descrita na forma de relações de contingência de reforçamento entre o que a pessoa faz e sente e o ambiente ao qual responde. A análise de contingências de reforçamento é a ferramenta básica do analista do comportamento clínico para alcançar tal objetivo. Na tentativa de identificar qual a forma mais eficaz para ensinar o psicoterapeuta a construir a tríplice contingência de reforçamento em sessão, foram elaborados três diferentes procedimentos de supervisão. Foram definidos três grupos experimentais, sendo cada um composto por dois psicoterapeutas e uma única supervisora comum aos três grupos. No Grupo 1, a supervisora usou os seguintes procedimentos: instrução verbal (Procedimento 1), instrução verbal acrescida de autoclíticos (Procedimento 2) e instrução verbal acrescida de autoclíticos e modelo (Procedimento 3); no Grupo 2, a supervisora usou os seguintes procedimentos: instrução verbal acrescida de autoclíticos (Procedimento 2) e instrução verbal acrescida de autoclíticos e modelo (Procedimento 3); e, no Grupo 3, a supervisora usou o seguinte procedimento: instrução verbal acrescida de autoclíticos e modelo (Procedimento 3). Os resultados encontrados sugerem que o Procedimento 3 (uso de instrução verbal acrescida de autoclíticos e modelo) foi o mais eficaz sobre o comportamento do psicoterapeuta de construir e descrever a tríplice contingência de reforçamento em sessão de um episódio comportamental selecionado.

Palavras Chaves: Procedimentos de Supervisão; Formação de Psicoterapeutas em Psicoterapia por Contingências de Reforçamento; Tríplice Contingência de Reforçamento.

ABSTRACT

Duarte, Tatiana Lance (2017). *Effectiveness of Supervising Procedures in the Determination of the Three-term Reinforcement Contingency*, 2018. Master's Dissertation - Professional Master's Degree in Applied Behavior Analysis in Associação Paradigma: Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, São Paulo.

Clinical supervision is an indispensable activity in the process of developing psychotherapists' learning of the abilities of identifying, describing, analysing and dealing with the contingencies of reinforcement present in psychotherapist-client interactions. This behavior repertory is fundamental in identifying and describing the circumstances in which clients' behaviors occur in his interactions in everyday life. Behavior is a functional and interactive unit that should be described in the form of relations of reinforcement contingencies between what the person does and feels and the environment to which responds. The analysis of reinforcement contingencies is the behavior analyst's basic tool to reach that goal. Trying to identify the most effective way to teach the psychotherapist to build the three-term reinforcement contingency in a session, three different supervising procedures were established. Three experimental groups were defined, each formed by two psychotherapists and one same supervisor for the three groups. In Group 1 the supervisor used the following procedures: verbal instruction (Procedure 1), verbal instruction plus autoclitics (Procedure 2), and verbal instruction plus autoclitics and model (Procedure 3). In Group 2 the supervisor used the following procedures: verbal instruction plus autoclitics (Procedure 2), and verbal instruction plus autoclitics and model (Procedure 3). In Group 3 the supervisor used the following procedure: verbal instruction plus autoclitics and model (Procedure 3). Results suggest that Procedure 3 was the most effective on the psychotherapist's behavior of building and describing the three-term reinforcement contingency in the session regarding one determined behavioral episode.

Key Words: Supervision Procedures; Teaching of Psychotherapists on Reinforcement Contingencies Psychotherapy; Three-term Reinforcement Contingency.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – American Psychological Association

CRs – Contingências de Reforçamento

G1 – Grupo Experimental 1

G2 – Grupo Experimental 2

G3 – Grupo Experimental 3

ITCR – Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento

MEC – Ministério da Educação

P1 – Procedimento 1

P2 – Procedimento 2

P3 – Procedimento 3

TCR – Terapia por Contingência de Reforçamento

SUMÁRIO

UMA JUSTIFICATIVA PESSOAL PARA O TRABALHO	1
INTRODUÇÃO	3
A Prática da Supervisão Clínica	3
Comportamento Verbal como Ferramenta de Trabalho na Clínica	5
Terapia por Contingência de Reforçamento	10
Análise de Contingências como Instrumento Operacional da Análise Funcional	12
OBJETIVOS	15
Objetivo Geral	15
Objetivos Específicos	15
MÉTODO	16
Participantes	16
CrITÉrios de Inclusão dos Participantes	16
Material e Local da Pesquisa	17
Formação de Tríades	18
Treino das Clientes	19
Treino dos Juizes	19
Concordância no Registro dos Dados	20
Coleta de Dados	21
Adequação das Condições e Execução da Pesquisa	21
PROCEDIMENTO	22
Procedimento Geral	22
Condições Experimentais do Grupos 1, 2 e 3	25
Grupo 1	25
Grupo 2	28
Grupo 3	30
Procedimento de Registro e Análise dos Dados	31
Delineamento de Controle Experimental	32
ASPECTOS ÉTICOS	34
Análise Crítica e Risco-Benefício	34
Retorno dos Benefícios para a População Estudada	34

Termo para Utilização de Dados	34
RESULTADOS	35
CONCLUSÃO GERAL	39
DISCUSSÃO	42
REFERÊNCIAS	48
Apêndice - A	50
Apêndice - B	51
Apêndice - C	52
Apêndice - D	53
Apêndice - E	54
Apêndice - F	55
Apêndice - G	56
Apêndice - H	58
Apêndice - I	61
Apêndice - J	68
Apêndice - K	69
Apêndice - L	71
Apêndice - M	74
Apêndice - N	81
Apêndice - O	82
Apêndice - P	98
Apêndice - Q	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos participantes nos Grupos 01, 02 e 03, quanto ao gênero, idade, ano de formação na graduação e curso matriculado	18
Tabela 2. Critério para avaliar a concordância dos registros dos juízes	21
Tabela 3. Distribuição das variáveis experimentais entre-grupos e entre-sujeitos	33
Tabela 4. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 1	35
Tabela 5. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 2	37
Tabela 6. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 3	38
Tabela 7. Número de registros iguais entre os três juízes e número de registros iguais entre dois juízes	41

UMA JUSTIFICATIVA PESSOAL PARA O TRABALHO

Segundo a Portaria Normativa nº 7 Artº 3 e Artº 4 do MEC, o Mestrado Profissional foi definido como uma modalidade de formação pós-graduada *Stricto Sensu* que possibilita a capacitação de pessoal para a prática profissional avançada e transformadora de procedimentos e processos aplicados, por meio da incorporação do método científico, habilitando o profissional para atuar em atividades técnico-científicas e de inovação. E tem como objetivo capacitar profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho (Decreto n. 117, 2009)

Considerando tal resolução acima, o meu interesse com esta pesquisa, que envolveu especificamente o tema supervisão clínica, surgiu a partir de minha prática como supervisora em Terapia por Contingências de Reforçamento e de meus questionamentos sobre qual seria a melhor forma para se ensinar alunos iniciantes na prática de psicoterapeutas a fazerem boas intervenções, usando, para tal, análises de contingências de reforçamento.

Com minha experiência como psicoterapeuta clínica e como supervisora, ficou evidente que, para compreender e propor soluções aos problemas relatados pelos clientes no consultório, era necessária a construção da tríplice contingência de reforçamento de cada episódio comportamental relatado em sessão pelo cliente.

Comecei a me indagar o quão importante seria estruturar um trabalho no campo teórico e prático, caracterizado por procedimentos sistematizados para serem usados pelo supervisor em supervisão clínica com o objetivo de ensinar e melhorar o desempenho no atendimento clínico dos alunos-psicoterapeutas em sessão, a partir da instalação de comportamentos de construção de trípliques contingências de reforçamento de episódios comportamentais relatados pelos clientes, de descrições das CRs identificadas e posterior intervenção, visando alterá-las em benefício do cliente.

A prática da supervisão clínica nos cursos de Psicologia tem sido uma das ferramentas mais usadas por supervisores no processo de formação profissional clínica de seus alunos, mesmo reconhecendo que ensinar habilidades de intervenções e análises psicoterapêuticas para alunos de graduação é uma tarefa complexa e envolve diferentes variáveis determinantes nas inter-relações supervisor e psicoterapeuta. Certamente, a abordagem teórica adotada, as experiências práticas vivenciadas e os repertórios pessoais do supervisor e do aluno influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem de como desempenhar o trabalho do psicólogo clínico.

O presente estudo se propôs a verificar qual o procedimento adotado pelo supervisor em supervisão que tem maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta para construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento de episódios comportamentais relatados pela cliente em sessão.

O referencial teórico-filosófico adotado neste estudo foi o Behaviorismo Radical e a Ciência do Comportamento, mais especificamente a Análise Experimental e a Análise Aplicada do Comportamento, ambos embasados por ações sistemáticas e em atitudes fundamentais de ciência natural para investigar e analisar os fenômenos comportamentais.

A proposta psicoterapêutica adotada foi a Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR), sistematizada e desenvolvida por Guilhardi (2004), com o propósito de compreender o comportamento humano em interação com seu ambiente, modificando-o através de manejos de contingências de reforçamento.

Acredita-se que os resultados encontrados neste estudo possam contribuir para a evolução dos procedimentos de supervisão ao sugerir o desenvolvimento e a sistematização de um possível modelo de supervisão clínica, com a identificação de procedimentos que podem ser usados pelo supervisor em supervisão que sejam eficazes em TCR para a formação de psicoterapeutas comportamentais, instalando nestes o repertório de construir a tríplice contingência de reforçamento em sessão.

Para melhor embasamento e delimitação do problema de pesquisa e dos objetivos deste estudo, a introdução desta dissertação foi dividida em quatro eixos principais: 1) A Prática da Supervisão Clínica; 2) Comportamento Verbal como Ferramenta de Trabalho na Clínica; 3) Psicoterapia por Contingências de Reforçamento e 4) Análise de Contingências como Instrumento Operacional da Análise Funcional.

INTRODUÇÃO

A Prática da Supervisão Clínica

Considera-se que uma das grandes dificuldades encontradas no desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão é conseguir garantir a competência de formação dos futuros psicólogos (Campos, 1998, p. 357).

Em vista disso, diversos estudos têm procurado descrever as várias habilidades de um psicoterapeuta, sugerindo uma *preocupação com a sistematização* [nosso destaque] do ensino da Terapia Comportamental uma vez que esse processo sempre foi realizado de maneira empírica, mas sem uma atenção a sua operacionalização (Bitondi & Setem, 2007, p. 203).

Segundo Moreira (2003, p. 157), a supervisão clínica é a etapa culminante do treino de terapeutas, sendo, portanto, considerada como indispensável na formação de psicólogos clínicos. Por isso, a atividade está se tornando muito frequente entre os psicólogos e sendo considerada fundamental para a formação do futuro profissional. Embora seja uma atividade utilizada com frequência pelos psicólogos clínicos, *não existe uma padronização de procedimentos de supervisão* [nosso destaque], o que leva certamente a uma diversidade de metodologias ocasionada por diversos fatores, como referencial teórico, formação pessoal do supervisor, ambiente onde se realiza a atividade e ausência de modelos devidamente pesquisados.

Moreira (2003, p. 157), de acordo com Campos (1998), ressalta que é a falta de pesquisas no campo da supervisão clínica que faz com que cada supervisor utilize a metodologia que julga mais conveniente, tornando sua atividade inacessível à comunidade científica.

Rosenberg (2006), como citado em Ireno & Meyer (2009, p. 306), diz que a supervisão clínica exige grande dedicação dos supervisores em psicologia para buscar métodos capazes de proporcionar aos futuros terapeutas o aprendizado de conceitos e habilidades necessárias para a condução de um processo terapêutico efetivo. E alguns comportamentos desejáveis do terapeuta são eminentemente do tipo aberto (expresso) e podem ser facilmente treinados, seja por seguimento de regras, modelagem em *role-playing*, ou mesmo por modelação (Banaco, 1993, p. 71).

O papel do supervisor parece ser de grande relevância e importância já que seu trabalho consiste em fortalecer o embasamento teórico, estabelecer uma conduta ética e garantir a capacidade de atuação, desenvolvendo no aluno-terapeuta as habilidades

necessárias para o exercício da profissão de psicólogo clínico (Moreira, 2003; Thurber, 2005; Ulian, 2002, citado em Ireno & Meyer, 2009, p. 306).

A relação do psicoterapeuta e seu supervisor, estabelecida no contexto de supervisão clínica, torna-se um recurso indispensável para a formação dos psicoterapeutas, instalando nestes o repertório comportamental desejável e necessário de um bom psicoterapeuta clínico.

Na literatura disponível, não existe um consenso ou uma metodologia única ou mesmo uma eleita como mais eficiente para treinar psicoterapeutas em formação ou recém-formados. A falta de padronização de procedimentos de intervenção que possam ser usados por supervisores para modelar o repertório do psicoterapeuta e a ausência de um modelo de supervisão sistematizado de atuação deixam lacunas significativas na prática da supervisão clínica.

Beckert (2002), segundo Ireno & Meyer (2009, p. 306), menciona que, embora exista um número considerável de escritos teóricos sobre o processo de supervisão, os estudos sobre o tema limitam-se a descrever experiências de ensino, existindo pouca literatura, principalmente nacional, que avalie *procedimentos de supervisão* [nosso destaque].

Analisando alguns estudos sobre os processos de supervisão, Follete & Callaghan (1995), de acordo com Moreira (2003, p. 158), observaram que não há dados empíricos sobre como deve ser ensinado e o que deve ser treinado no processo de supervisão ou se a supervisão realmente afeta o comportamento do supervisionado na sessão terapêutica.

Campos (1994), citado por Moreira (2003, p. 158), diz que, mesmo entre terapeutas que compartilham o mesmo embasamento teórico, da Análise Aplicada do Comportamento, não existe um consenso sobre o que deve ser ensinado e como deve ser o treino em terapia comportamental. Considera-se que, na maior parte das situações de supervisão, a atividade do supervisor é baseada na sua própria experiência prática, na sua formação e no seu treino.

Segundo Ferreira (2003, p. 260), um supervisor só estará se comportando adequadamente quando criar contingências que produzam condições de instalar e desenvolver classes de comportamentos nos alunos-terapeutas que permitam uma prática do fazer fácil e eficaz.

Refletindo sobre a prática clínica, Banaco e Zamignani (1999) destacaram que não é suficiente observar apenas a interação entre terapeuta e cliente, mas é necessário manter um contato direto com o terapeuta para que ele tome conhecimento dos aspectos considerados relevantes pelo supervisor, bem como para que ele próprio possa formular novas formas de comportamento.

Tal consideração permite a conclusão do quanto o papel do supervisor e sua forma de atuar com os psicoterapeutas em formação é importante, sendo assim um modelo para a atuação profissional de psicoterapeutas.

As citações oferecidas até aqui indicam que não existe uma definição da melhor estrutura para a prática da supervisão clínica. Desenvolver e instalar repertórios necessários aos alunos e psicoterapeutas recém-formados em psicologia ainda é tarefa particularizada e individualizada entre os supervisores. Seria importante, portanto, compreender e definir como e o que exatamente o supervisor precisa fazer em supervisão para ensinar seus supervisionados a atender.

A partir dessas questões, o presente estudo traz algumas contribuições ao comparar resultados obtidos com o uso de diferentes procedimentos usados em supervisão por supervisores com seus supervisionados.

O Comportamento Verbal como Ferramenta de Trabalho na Clínica

A supervisão pautada no relato verbal do supervisionado parece ser o meio mais comumente utilizado para o ensino e orientação da prática clínica dos psicoterapeutas.

Outras estratégias, no entanto, podem ser empregadas dentro do contexto da supervisão clínica, tais como o uso de gravações e transcrições da supervisão e do atendimento psicoterapêutico. Inevitavelmente, o supervisor se apropria do relato verbal do psicoterapeuta-supervisionado para auxiliá-lo na compreensão de certos aspectos da vida do cliente, tentando construir relações entre os eventos, buscando a compreensão dos fatos relatados e a solução das dificuldades comportamentais do cliente. De forma ampla, pode-se dizer que o processo de supervisão de terapia ocorre por meio de relato da sessão terapêutica feitos pelo supervisionado. O supervisor ouve o relato do terapeuta sobre os acontecimentos da sessão terapêutica, analisa o comportamento do terapeuta e dá as orientações devidas (Moreira, 2003, p. 158).

Alguns autores, como Barker, Pistrang & Elliot (1994) e De Rose (1997), apontam limites nos estudos baseados em relatos verbais, principalmente com relação à veracidade dos relatos. Mas, ainda assim, podemos considerar ser o comportamento verbal um componente essencial dentro da interação supervisor e supervisionado.

Para Skinner (1953/2003), o comportamento é resultado da interação organismo-ambiente, só podendo ser entendido a partir da identificação das circunstâncias em que ocorre. E, dentre outras classificações básicas, o repertório humano operante pode ser dividido em não verbal e verbal (Skinner, 1957/1978).

O comportamento é, então, uma unidade interativa que deve ser investigada sistematicamente. E o comportamento verbal para Skinner (1957/1978), deve ser definido e analisado como qualquer outro comportamento em termos das contingências de reforçamento: comportamento ↔ ambiente.

Skinner (1957/1978, p. 16) afirmou que:

O comportamento verbal é um comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas. . . . O termo “comportamento verbal” tem muitas vantagens, que recomendam-lhe o uso. Sua sanção etiológica não é excessivamente poderosa, mas destaca o falante individual e, quer seja, reconhecido ou não por quem o usa, especifica o comportamento modelado e mantido pelas conseqüências mediadas.

Skinner (1957/1978, p. 29) afirmou que:

“qualquer movimento capaz de afetar outro organismo pode ser verbal.”

Segundo Skinner (1957/1978), é possível classificar as relações verbais elementares em: mando, tato, intraverbal, textual, ecóico e transcrito – sobre as quais atuam os processos autoclíticos. Ao se estudar o comportamento verbal, o analista do comportamento focaliza sua atenção no repertório do falante e do ouvinte e na forma como a interação entre esses repertórios configura as práticas verbais de uma comunidade. Essa visão contextualista informa que a classificação efetiva de um operante verbal deve observar as circunstâncias nas quais ele é emitido. O *significado* [grifo do autor], ou a função da palavra, está nas circunstâncias atuais que controlam a resposta e na história do falante de exposição a contingências semelhantes. Parafraseando Skinner (1957/1978), o que importa para o analista do comportamento são as contingências de reforçamento das quais qualquer manifestação nomeada de verbal é função! Dessa forma, pode-se considerar como comportamento verbal tudo o que uma pessoa faz e que, de alguma forma, ocasiona ou influencia o comportamento de outra pessoa. Segundo Borloti (2004, p. 223), os comportamentos verbais também alteram o ambiente e são modificados por essa alteração.

De Rose (1997, p. 140) considera que a interação verbal que ocorre no processo terapêutico é uma das fontes de dados fornecida pelo cliente mais amplamente utilizada pelo terapeuta. Por meio dela, é possível identificar e descrever as possíveis contingências em operação na relação direta entre terapeuta e cliente e aquelas a que se pode chegar pelo relato desse último. Alguns estudos têm se ocupado de explicar essas relações na díade cliente-terapeuta. Para maiores detalhes, veja Zamignani e Banaco (2017).

No ambiente psicoterapêutico, no qual a inter-relação entre psicoterapeuta e cliente é pautada no comportamento verbal de ambos, a forma como o psicoterapeuta conduz a sessão, a sua interação com o cliente, sua experiência e sua formação teórica podem exercer a função de modificar diretamente o comportamento do cliente.

Levando em consideração tal compreensão, pode-se dizer que o comportamento do psicoterapeuta pode ser influenciado e modificado pelo cliente durante todo o processo de atendimento, assim como o comportamento do cliente também pode ser influenciado e modificado pelo psicoterapeuta. Tanto o psicoterapeuta modifica o cliente como o psicoterapeuta é modificado pelo cliente. E se isso acontece de fato, podemos dizer que ambos estão sensíveis às contingências em operação naquela inter-relação.

Uma citação pertinente sobre a psicoterapia feita por Skinner (1974/1999, p. 159) permite refletir acerca do processo de interação e intervenção:

“A terapia do comportamento é exclusivamente uma questão de idear contingências reforçadoras, mas ela também inclui, de forma bastante apropriada dar ao paciente avisos, conselhos, instruções e regras a serem seguidas.”

A psicoterapia, sendo um processo que envolve terapeuta e cliente, pode ser entendida como uma ferramenta para refinar o autoconhecimento (ser capaz de descrever as contingências às quais responde), especialmente no que diz respeito ao controle discriminativo exercido pelo mundo privado do cliente (Skinner, 1974/1999, pp. 30-31):

O psicoterapeuta que tenta levar seu paciente a compreender-se está presumivelmente salientando relações causais de que este ainda não havia tomado consciência. . . . Uma pessoa que se tornou “consciente de si mesma” por meio de perguntas que lhe foram feitas está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento.

Sendo assim, o contexto clínico parece ser um campo fértil para o estudo do episódio verbal estabelecido entre falante e ouvinte, se revezando entre terapeuta e cliente, pois nele duas ou mais pessoas se comportam e esses comportamentos são predominantemente verbais. Torna-se, assim, imprescindível analisar as relações de controle existentes entre o comportamento verbal do cliente e o comportamento verbal do terapeuta. E, para tal, a supervisão pode ser um instrumento fundamental para auxiliar e direcionar o psicoterapeuta, bem como o cliente, na compreensão das relações existentes dentro da psicoterapia.

Alguns procedimentos podem ser considerados comuns em supervisão clínica, mas o foco deste estudo foi investigar três diferentes procedimentos que o supervisor pode usar em

supervisão e qual revelará maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta de conseguir construir a tríplice contingência de reforçamento de uma das queixas dentre as relatadas pelo cliente.

Os procedimentos usados pela supervisora em supervisão descritos neste trabalho envolvem: uso de instruções, uso de autoclíticos e uso de modelos. Considerando esses procedimentos como sendo ferramentas possíveis para desenvolver repertório no psicoterapeuta de construir a tríplice contingência de reforçamento em sessão, cabem esclarecimentos teóricos acerca dos três procedimentos.

Sobre instruções, Catania (1999, p. 275) as definiu da seguinte maneira:

Uma característica importante da instrução é que ela substitui as contingências naturais por antecedentes verbais. . . . As instruções podem modificar o comportamento do ouvinte em situações em que as consequências naturais são, por si mesmas, ineficientes ou são eficazes somente a longo prazo.

Catania (1999, p. 277) complementou que:

“As pessoas passam a fazer coisas, quando instruídas, que jamais fariam se fossem expostas às contingências naturais.”

Como forma de sintetizar, Catania (1999, p. 280) escreveu:

Na medida em que a comunidade verbal estabelece certas contingências para tais correspondências, podemos modificar o comportamento não apenas por meio de instruções, mas também modelando o que se diz acerca do mesmo. Se forem reforçados tanto o dizer quanto a correspondência entre o dizer e o fazer, o fazer poderá ocorrer. Por meio de tais contingências, o próprio comportamento verbal de cada um de nós pode se tornar eficaz como estímulo instrucional.

Skinner (1957/1978, pp. 436-437) fez uma consideração pertinente e cabível acerca das condições limitadoras da instrução para o ouvinte:

Além dos fatores usuais que afetam o comportamento do ouvinte (tal como a clareza do estímulo verbal ou a extensão do condicionamento de respostas separadas), uma instrução bem-sucedida está sujeita a várias condições. Uma delas é o “prestígio” do falante ou a “crença” do ouvinte acerca do que o falante diz, . . . o ouvinte é instruído pela repetição, pelas técnicas de instigação e investigação, . . . e o que é de essencial relevância aqui, pelo uso hábil de autoclíticos. Outros autoclíticos relevantes são os *mandos* [grifo do autor]. . . . A eficácia do ensino depende, em parte, da habilidade do professor para gerar

relações de prestígio, relações que tornam seus *mandos* [grifo do autor] eficazes nesse tipo de instrução.

E Skinner (1974, p. 67) considerou:

A “interpretação” que uma pessoa faz de um determinado estímulo pode estar ligada tanto à história de reforçamento de uma resposta a esse estímulo, quanto às regras que o sujeito adquire sobre como responder a esse estímulo. Isso acontece porque “não estamos apenas atentos ao mundo que nos cerca; respondemos a ela de maneira idiossincráticas por causa do que já aconteceu quando estivemos antes em contato com ele.

Sobre o operante verbal autoclítico, Skinner descreveu que:

“O termo autoclítico pretende sugerir um comportamento que se fundamenta em (ou que depende de) outro comportamento verbal” (1957/1978, p. 377).

Skinner apresentou seis subtipos de autoclíticos, sendo eles: os descritivos, os qualificadores, os quantificadores, os relacionais, os manipuladores e de composição. De acordo com Skinner, os autoclíticos podem funcionar como instruções ao ouvinte que o ajudam a se comportar de uma maneira que torna mais provável a obtenção de consequências reforçadoras.

“A explicação definitiva do comportamento autoclítico repousa no efeito que ele exerce sobre o ouvinte – incluindo o próprio falante” (Skinner, 1957/1978 p. 411).

Podemos concluir que o autoclítico parece ter uma importante função nos episódios verbais, em particular neste estudo, no contexto da psicoterapia, a qual pode ser compreendida como uma sequência de interações verbais entre terapeuta e cliente. O cliente, em alguns momentos, assume o papel do falante e sua narrativa tendo múltiplas funções para o psicoterapeuta; em outros momentos, o cliente é também ouvinte quando responde à narrativa do terapeuta em função de sua história de contingências, valores, crenças e emoções, bem como as contingências em operação no momento em sua vida.

Dessa maneira, o contexto da psicoterapia é um ambiente formado, predominantemente, por interações verbais nas quais se pode identificar as classes de operantes verbais apresentadas por Skinner (1957/1978).

Segundo Borloti (2004, p. 229):

“Alguns autoclíticos são impossíveis de serem transcritos [por exemplo, as entonações ou pausas], a não ser que você invente uma convenção de notações

[por exemplo, medir pausas, indicar sons do riso, indicar ênfase com sublinhados, etc.]”

Catania (1999, pp. 269-270) considera que os autoclíticos podem tanto ter efeitos quantitativos como qualitativos, e que nosso comportamento verbal seria impossível sem os processos autoclíticos.

Neste estudo, que envolve o tema supervisão clínica, estaremos diante do uso do operante verbal autoclítico do subtipo descritivo. Segundo Borloti (2004, p. 229), os autoclíticos descritivos são discriminações de comportamentos do falante; e, segundo Skinner (1957/1978, p. 377), os autoclíticos do subtipo descritivo informam o ouvinte acerca do tipo de operante verbal emitido pelo falante.

Sobre modelos, Catania (1999, p. 239) afirmou:

Denominamos o responder de imitativo quando um organismo duplica o comportamento modelado por um outro organismo. Mas um tipo de imitação pode se limitar à duplicação somente de instâncias específicas, que tenham sido explicitamente ensinadas, enquanto outro tipo pode incluir as correspondências entre o comportamento do modelo e o do observador, mesmo em ocorrências novas, quando então o comportamento é chamado de imitação generalizada; no último caso, o responder imitativo é uma classe de respostas que pode ser diferencialmente reforçada ou, em outras palavras, ele consiste em uma classe de comportamentos de ordem superior.

Catania (1999, p. 240) complementou:

No comportamento humano, a imitação é um exemplo particularmente importante de relação de controle de estímulos; para o indivíduo que tem o comportamento imitativo estabelecido, comportamentos novos frequentemente podem ser gerados mais rápida e eficientemente pela imitação do que pela modelagem ou por outros meios.

Terapia por Contingência de Reforçamento

A Terapia por Contingências de Reforçamento, sistematizada e desenvolvida por Guilhardi (2004), apresenta-se como uma nova proposta psicoterapêutica dentro do campo clínico.

A proposta básica da TCR é que o psicoterapeuta comportamental, embora se interesse pelos comportamentos e sentimentos do cliente, não trabalha diretamente com eles. Tem que fazê-lo lidando com as contingências de reforçamento das quais comportamentos e

sentimentos são função. O instrumento de ação de que o psicoterapeuta dispõe no processo psicoterapêutico são as contingências de reforçamento. E as contingências de reforçamento são compreendidas como unidades básicas de análise e compreensão dos comportamentos e sentimentos humanos. O comportamento não está na ação em si, mas naquilo que o determina. Sendo assim, para compreender uma ação e alçá-la ao *status* de comportamento, temos que relacioná-la com eventos antecedentes e eventos consequentes a ela, funcionalmente interligados. Assim, a contingência de reforçamento é composta por três termos, sendo a mais simples composta por três termos, daí o nome de tríplice contingência de reforçamento. O primeiro termo é o antecedente, o segundo é a resposta e o terceiro é a consequência. Quando os três termos são conhecidos, e são determinadas as interações entre eles (todos os três se influenciam reciprocamente e de modo dinâmico), pode-se dizer que comportamentos e sentimentos, por eles determinados, foram “explicados” (Guilhardi, 2004, pp. 10-11).

A TCR é comprometida com o Behaviorismo Radical e com a Ciência do Comportamento, mais especificamente com a Análise Experimental e a Análise Aplicada do Comportamento. A TCR oferece os procedimentos de mudanças comportamentais, de coleta e sistematização de dados utilizados no processo psicoterapêutico, além de fornecer um modelo de organização dos eventos comportamentais como fenômenos interacionais do organismo humano com o ambiente e eventos funcionais compreendidos a partir das contingências de reforçamento que os regulam. Todos os fenômenos comportamentais humanos são objetos de interesse, análise e intervenção da TCR. Todos os comportamentos, sejam eles públicos ou encobertos, são manifestações do organismo, logo possuem a mesma natureza e são regidos pelas mesmas leis naturais e, como tal, todos devem ser levados em conta no processo psicoterapêutico (Guilhardi, 2004 p. 08).

Sendo assim, a TCR abrange um conjunto de interações comportamentais que ocorrem em diferentes contextos, nos quais uma pessoa com a função de agente de mudança comportamental (psicoterapeuta) influencia os comportamentos de outra pessoa (cliente), que solicitou, da primeira, ajuda para alterar comportamentos e sentimentos que lhe são aversivos e cuja mudança está incapacitada de fazer por si mesma. Essa terapia se diferencia de outras propostas terapêuticas pela maneira como o terapeuta atua (os procedimentos que utiliza) e pelo compromisso conceitual e experimental que ele adota na sua prática (Guilhardi, 2004 p. 07).

Para que o trabalho do psicoterapeuta clínico não seja considerado indemonstrável, torna-se necessário buscar vestígios de relações entre o que ocorre na sessão e as mudanças

comportamentais do cliente torna-se necessária para a demonstração da eficácia da psicoterapia (Guilhardi, 2004).

Ainda dentro do contexto clínico, para se compreender com quais contingências o psicoterapeuta trabalha, Guilhardi (2001, p. 288) afirma que é possível identificar e descrever as possíveis contingências em operação na relação direta entre psicoterapeuta e cliente e aquelas a que se pode chegar pelo relato do cliente. Bachrach, (1971), citado por Guilhardi (2001, p. 288) diz, no entanto, que a descrição dessas contingências não supera o *status* de “hipótese de trabalho”. A evolução do processo terapêutico acrescenta dados que confirmam ou refutam a adequabilidade das contingências hipotetizadas, influenciando, assim, o comportamento do terapeuta, modelando, reforçando, punindo, etc., seu repertório de analisar e manejar as contingências.

O método de supervisão a ser adotado neste estudo será o baseado na Terapia por Contingência de Reforçamento desenvolvida por Guilhardi (2004).

Análise de Contingências como Instrumento Operacional da Análise Funcional

A investigação acerca da definição de análise funcional se dá mediante a descrição e a interpretação de relações funcionais entre comportamento e ambiente. Uma relação funcional leva em conta aspectos do ambiente e a função que o comportamento tem naquele ambiente (Matos, 1999 p. 13).

A análise funcional é o instrumento básico de trabalho do analista do comportamento que atua na clínica, identificando e manejando contingências em operação na vida do cliente (Meyer, 2001, p. 30). E a busca das variáveis externas (ambientais, chamadas, também, de independentes), das quais o comportamento (variável dependente) é função, consiste na principal finalidade de uma análise funcional (Skinner, 1953/2003, p. 38).

No contexto terapêutico, o foco da análise funcional é o comportamento do cliente, e pode ser utilizada em diferentes momentos da terapia, tais como a avaliação e a intervenção (Delliti, 2001, p. 36).

No caso de análises funcionais de comportamentos humanos em clínica, não se tem o conhecimento possível que o laboratório pode proporcionar e, em geral, o atendimento clínico ocorre com base em descrições do problema feitas pelo cliente, por pessoas “relevantes” na vida do cliente e também por observações diretas do comportamento do cliente em sessão (Banaco, 1993, p. 73).

Considera-se que uma análise funcional completa deve englobar observação, suposição e verificação, levando em conta aspectos do ambiente e a função que o

comportamento tem em um determinado ambiente. Se existe uma impossibilidade de se observar diretamente uma relação funcional, esta pode ser, apenas, investigada com base na observação dos comportamentos de um indivíduo (Matos, 1999, p. 13).

Sendo assim, parece que uma das vantagens de uma análise funcional é a identificação de variáveis que influenciam na ocorrência do comportamento de interesse, no planejamento de intervenções, na modificação dessas variáveis, do comportamento-problema e a previsão das condições que podem proporcionar a generalização e a manutenção das modificações comportamentais efetuadas.

Segundo Andery, Micheletto e Sérgio (2001, p. 155), a utilização do termo “análise funcional” que aparece constantemente na literatura sobre as práticas dos analistas do comportamento, pouco esclarece sobre essas práticas se considerarmos as múltiplas variáveis que as controlam. Buscando uma coerência com os apontamentos de Skinner na utilização desses termos, as autoras afirmaram que:

A proposta de fazer análise funcional nos remete, de fato, a uma discussão epistemológica e metodológica. Tal proposta se refere muito mais a como proceder na produção de conhecimento sem indicar qualquer compromisso com qualquer sistema conceitual. . . . se estamos em busca de uma compreensão que caracteriza a prática do analista do comportamento, possivelmente a melhor delas seria – como indica Skinner – análise de contingências de reforçamento. Essa expressão, sim, nos compromete tanto com um proceder, com uma proposta metodológica que é, por assim dizer, vazia de “conteúdo”, como nos compromete também com um determinado “conteúdo”, com o sistema conceitual característico da análise do comportamento.

Nessa perspectiva, em coerência com os marcos conceituais de Skinner, o objetivo da Análise do Comportamento é identificar e trabalhar com as contingências de reforçamento, sendo que estas não se restringem a contextos experimentais. A partir da análise de contingências de reforçamento, podem-se inferir as contingências que operaram na história de vida do cliente e estabelecer novas relações de contingências, visando produzir mudanças e instalar novos comportamentos desejáveis. Cabe enfatizar que o objeto de estudo e de interesse do terapeuta é o comportamento humano; e o instrumento de análise usada pelo terapeuta analista do comportamento para atuar na clínica é a análise de contingências, que se caracteriza pela descrição minuciosa na forma da tríplice contingência de reforçamento.

Segundo Guilhardi (2001, pp. 287-288):

O trabalho clínico é basicamente indutivo e funcional, sendo indutivo no sentido de a intervenção clínica dentro da abordagem behaviorista considerar que o conhecimento acerca do indivíduo vai sendo construído de forma única, a partir de suas peculiaridades e das regularidades observadas em seus comportamentos. O termo funcional se refere à identificação de relações funcionais, e o analista do comportamento se utiliza do termo contingência de reforçamento (estímulo antecedente, resposta e conseqüente) como instrumento de trabalho. O termo contingência de reforçamento é empregado para se referir a regras que especificam relações entre eventos ambientais ou entre comportamento e esses eventos. E é, a partir dessas relações funcionais, que podemos inferir e prever o que os outros farão em determinadas circunstâncias. A repetição dos padrões de análise e a repetição das comprovações de previsão dão maior solidez ao trabalho do terapeuta, mas não lhe dão o *status* de experimental.

Considerando que habilidades clínicas devem ser instaladas e desenvolvidas ao longo do processo de formação do terapeuta, o momento da supervisão se mostra bastante apropriado para a compreensão de como os supervisores devem trabalhar isso de modo a fazer com que seus supervisionados alcancem um atendimento clínico eficaz.

Nessa direção, este estudo visa investigar qual o melhor procedimento que o supervisor pode usar com terapeutas iniciantes ou recém-formados com o objetivo de instalar neles o repertório de construir e apresentar a tríplice contingência de reforçamento de uma das dificuldades comportamentais relatadas pelo cliente em sessão.

Acredita-se que os achados do presente estudo possam vir a ser úteis na formação e uniformização de condutas profissionais de supervisores clínicos que atuem com terapeutas em formação, contribuindo de maneira positiva para o sucesso no desfecho de comportamentos-problemas de seus clientes em seus atendimentos psicoterapêuticos.

1. Optamos pelo termo “construir”, embora reconheçamos ainda não ser a melhor escolha, porque entendemos que construir envolve: a) identificar elementos do ambiente e da pessoa que se comporta; b) organizar de forma consistente esses elementos de acordo com os conceitos da Análise do Comportamento; c) atribuir provisoriamente funções, e d) interpretar todas essas informações na forma de relações de contingência de reforçamento. Quando se pretende construir uma contingência de reforçamento, o que se está fazendo é uma organização de dados. Repetindo uma questão de Skinner (1947/1999, p. 351): “Quais são as partes de comportamento e ambiente entre as quais relações ordenadas podem ser demonstradas?”

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo geral do presente estudo foi investigar, dentre três procedimentos de supervisão, a partir de gravações (vídeos e áudios) e transcrições de supervisões e sessões, qual procedimento teve maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta para construir por escrito e apresentar oralmente para a cliente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental por ela relatado e selecionado pelo psicoterapeuta. Ou seja, nosso objetivo é comparar o grau de controle de três diferentes eventos antecedentes manejados pela supervisora em sessões de supervisão sobre o comportamento do psicoterapeuta de construir o paradigma da tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental apresentado pela cliente em sessão.

Objetivos Específicos

1) Investigar o efeito do procedimento de instrução verbal (oral e textual) emitido pelo supervisor em supervisão a fim de levar o psicoterapeuta a:

1.1) Descrever uma das queixas relatadas pela cliente em termos de dificuldade comportamental;

1.2) Descrever a dificuldade comportamental relatada pela cliente na forma de um ou mais episódios comportamentais;

1.3) Escolher um episódio comportamental que foi o objetivo de intervenção;

1.4) Transformar o episódio comportamental escolhido na forma da tríplice contingência de reforçamento;

1.5) Apresentar oralmente para a cliente a construção da tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental escolhido.

2) Investigar o efeito do procedimento de instrução verbal (oral e textual) acrescida de autoclítico emitido pelo supervisor em supervisão, a fim de levar o psicoterapeuta às mesmas condições dos subitens **1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5**;

3) Investigar o efeito do procedimento de instrução verbal (oral e textual) acrescida de autoclítico e de modelos emitido pelo supervisor em supervisão, a fim de levar o psicoterapeuta às mesmas condições dos subitens **1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5**.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo a supervisora, seis alunos-psicoterapeutas, duas clientes, três juízes e uma auxiliar com formação em Psicologia para fazer as transcrições das supervisões.

Os participantes eram de ambos os sexos e na faixa etária de 20 a 50 anos, residentes em uma cidade do interior do estado de São Paulo e vinculados a uma clínica-escola de Psicologia.

A pesquisadora deste estudo foi a própria supervisora, formada há 15 anos, Especialista em Terapia por Contingências de Reforçamento e que vem atuando, desde então, como psicóloga clínica no Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento e como supervisora dos cursos de Formação e Especialização no mesmo Instituto de atuação profissional.

Os seis psicoterapeutas voluntários (ambos os sexos) estavam, obrigatoriamente, matriculados no curso de Formação ou Especialização do ITCR - Campinas e cursando graduação em Psicologia (4º ou 5º ano) ou na condição de recém-formado (até dois anos de formação).

As duas clientes voluntárias (ambas do sexo feminino) estavam matriculadas no curso de Especialização do ITCR - Campinas e atuaram como se fossem “atrizes” com uma queixa simulada.

Os três juízes avaliadores que participaram deste estudo tinham mais de 03 anos de experiência como supervisores e psicólogos clínicos, sendo também formados em Terapia por Contingências de Reforçamento com atuação no Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento de Campinas.

Critérios de Inclusão dos Participantes

Para a elegibilidade da população estudada, os critérios adotados de inclusão dos participantes foram:

- 1) A supervisora foi a própria pesquisadora especialista em Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR) desde 2007;
- 2) Os psicoterapeutas estavam cursando o 4º ou 5º ano de graduação em Psicologia ou eram recém-formados (no máximo com dois anos de formação). Todos estavam matriculados no curso de Formação ou no curso de Especialização do ITCR - Campinas;

3) Desempenharam o papel de clientes fictícias duas alunas do curso de Especialização do ITCR, que se dispuseram a participar como atrizes;

Todos os psicoterapeutas e as “clientes” envolvidos no processo tiveram participação voluntária e não remunerada.

Os psicoterapeutas escolhidos para a pesquisa declararam nunca ter exercido a função de psicoterapeuta, além das experiências nos estágios clínicos exigidos no curso de graduação.

Tanto os psicoterapeutas como as clientes foram recrutados em contexto de aula, em que lhes foi perguntado: “Quem gostaria de participar voluntariamente de uma pesquisa em clínica, atuando como psicoterapeuta ou “cliente” (no segundo caso, com desempenho simulado), durante o primeiro semestre de 2017 numa atividade que exigirá duas horas de dedicação semanal (em média) durante três meses?”.

A exigência de que as “clientes” apresentassem queixas simuladas foi feita para não as expor com queixas reais minimizando, dessa forma, problemas éticos.

Material e Local da Pesquisa

Foram utilizados, como material da pesquisa, os seguintes itens:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A);
- DVD da Aula Conceitual;
- Avaliação para Verificação dos Conceitos (Apêndice B);
- Gabarito para Verificação dos Conceitos (Apêndice C)
- Descrição das Queixas Comportamentais da Cliente 1 (Apêndice D);
- Descrição das Queixas Comportamentais da Cliente 2 (Apêndice E);
- Roteiro da Supervisora para o Atendimento Livre (Apêndice F);
- Roteiro da Supervisora para o Procedimento 1 (Apêndice G);
- Roteiro da Supervisora para o Procedimento 2 (Apêndice H);
- Roteiro da Supervisora para o Procedimento 3 (Apêndice I);
- Roteiro do Psicoterapeuta para o Atendimento Livre (Apêndice J);
- Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 1 (Apêndice K);
- Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 2 (Apêndice L);
- Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 3 (Apêndice M);
- Roteiro de Instruções para os Juízes (Apêndice N);
- Folha de Registro dos Juízes do Desempenho da Supervisora (Apêndice O);
- Folha de Registro dos Juízes do Desempenho do Psicoterapeuta (Apêndice P);

- Folha de Comportamentos Gerais e Comportamentos Específicos (Apêndice Q);
- Sala de atendimento e sala de supervisão, ambas contendo um sistema de áudio e vídeo necessários para o registro eletrônico das supervisões e das sessões experimentais;
- Gravações e transcrições das supervisões e das sessões; e
- Pranchetas, canetas, papéis para anotações e roteiros contendo as instruções a serem seguidas nos atendimentos.

Formação de Tríades

A supervisora, os psicoterapeutas e as clientes foram distribuídos em seis tríades da seguinte forma:

Tríade 1 = Supervisora – Psicoterapeuta 1 – Cliente 1*

Tríade 2 = Supervisora – Psicoterapeuta 2 – Cliente 2*

Tríade 3 = Supervisora – Psicoterapeuta 3 – Cliente 1

Tríade 4 = Supervisora – Psicoterapeuta 4 – Cliente 2

Tríade 5 = Supervisora – Psicoterapeuta 5 – Cliente 1

Tríade 6 = Supervisora – Psicoterapeuta 6 – Cliente 2

* A distribuição das Clientes 1 e 2 para os psicoterapeutas foi aleatória.

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes psicoterapeutas em três grupos quanto ao gênero, idade, ano de formação e curso frequentado no ano de 2017 no ITCR. É possível perceber que apenas um psicoterapeuta era do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Como o critério de inclusão do psicoterapeuta foi baseado na condição de estar matriculado no curso de Formação ou de Especialização e ser inexperiente quanto ao atendimento clínico dentro do modelo de Terapia por Contingência de Reforçamento, o gênero, a idade e o ano de formação não foram considerados relevantes para este estudo.

Tabela 1. Distribuição dos participantes nos Grupos 01, 02 e 03, quanto ao gênero, idade, ano de formação na graduação e curso matriculado

Grupo	Número do Participante	Gênero	Cursando Graduação ou Recém-Formado	Curso Matriculado ITCR- Campinas
1	1	M	5º ano	Formação
	2	F	4º ano	Formação
2	3	F	4ª ano	Formação
	4	F	Recém-Formado	Especialização
3	5	F	5º ano	Formação
	6	F	Recém-Formado	Especialização

Treinamento das Clientes

Foi definido que tanto a Cliente 1 quanto a Cliente 2 verbalizariam para o psicoterapeuta duas queixas fictícias. Cada cliente teria suas próprias queixas, que se manteriam constantes durante todo o procedimento. Para que as “clientes” pudessem repetir as mesmas duas queixas, elas receberam treinamento de psicoterapeutas do Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento de Campinas.

O treinamento consistiu em três etapas. Na primeira etapa, cada “cliente” verbalizava duas queixas de sua escolha para o psicoterapeuta responsável pelo seu treinamento. Na segunda etapa, cada “cliente” repetia a suas duas queixas tantas vezes quanto necessário até que o responsável pelo seu treinamento concordasse que as repetições continham os mesmos componentes essenciais. Na terceira etapa, as “clientes” eram expostas a diversas perguntas feitas pelo psicoterapeuta responsável pelo treinamento, que tinham em comum esclarecimentos adicionais a respeito das queixas. As cliente foram orientadas a, sistematicamente, repetir as duas queixas sem adicionar nenhuma informação nova e evitar o uso de autoclíticos que poderiam exercer controle diferenciado sobre os diferentes psicoterapeutas. As “clientes” foram consideradas aptas quando não introduziram e nem removeram itens da queixa, conseguindo repetir, essencialmente, as mesmas informações.

Treinamento dos Juízes

Para que os juízes pudessem avaliar os desempenhos da supervisora e dos psicoterapeutas, receberam treinamento da pesquisadora do Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento de Campinas. O treinamento consistiu em três etapas.

A primeira delas foi uma exposição oral que a pesquisadora fez aos três juízes, ao mesmo tempo, com o objetivo de apresentar as folhas de registro e explicar como deveriam avaliar os itens nelas definidos. Essa etapa do treinamento envolveu a apresentação aos juízes da folha de registro do desempenho da supervisora e a folha de registro do desempenho do psicoterapeuta para que os juízes pudessem se familiarizar com o material de avaliação. A tarefa dos juízes envolvia a identificação da ocorrência ou não ocorrência de determinados comportamentos listados nas folhas de registro que deveriam ser observados em um vídeo que registrou os comportamentos da supervisora em supervisão e os comportamentos dos psicoterapeutas em sessão.

A segunda etapa consistiu na apresentação para os juízes do mencionado vídeo. Esse vídeo continha a gravação de uma supervisão e de um atendimento da fase do teste piloto dos procedimentos. Era, portanto, tarefa dos juízes assistir ao vídeo e registrar a ocorrência ou não

ocorrência dos comportamentos listados nas folhas de registro. Foram feitos tantos ensaios quantos necessários até que os três juízes sanassem todas as suas dúvidas e se familiarizassem com os procedimentos. Os juízes assistiram aos vídeos sentados em lugares distantes entre si de tal maneira que era impossível visualizar o registro dos outros juízes. As folhas de registro eram recolhidas imediatamente após o término da atividade sem que os juízes fossem informados a respeito das coincidências ou não de seus registros com os demais.

O treinamento dos juízes foi feito em conjunto após a finalização de todos os procedimentos de supervisão e de atendimento. Uma vez finalizado o treinamento, os juízes passaram a realizar suas funções individualmente em horário e local de suas conveniências. Cada juiz recebeu por *email* uma cópia de todos os vídeos, transcrições de todas as supervisões e sessões e as folhas de registros.

Concordância no Registro dos Dados

Como uma forma de avaliar a fidedignidade dos registros, foi realizada uma análise de concordância entre os dados registrados independentemente pelos três juízes.

A partir dos vídeos e das transcrições das supervisões e sessões, os juízes registraram as ocorrências ou não ocorrências dos comportamentos nos procedimentos de atendimento livre, P1, P2 e P3 emitidos pela supervisora e pelos psicoterapeutas de acordo com a categorização de comportamentos apresentada nas folhas de registros de desempenhos (Apêndice O e P). Nessas folhas de registros, encontram-se os comportamentos observados, registrados e avaliados, que foram distribuídos em duas categorias: Comportamentos Gerais e Comportamentos Específicos (Apêndice Q).

O índice mínimo aceitável de concordância para o registro dos dados foi de 80%, assim calculado:

$$\% \text{ Concordância} = [\text{N}^\circ \text{ concordância} / (\text{N}^\circ \text{ concordância} + \text{N}^\circ \text{ discordância})] \times 100$$

A Tabela 2 apresenta um modelo de distribuição das avaliações dos juízes com relação a ocorrência ou não ocorrência. Foi usado como critério de concordância registros idênticos de, pelo menos, dois juízes.

Tabela 2. Critério para avaliar a concordância dos registros dos juízes

	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3	Concordância
Comportamento 1	Ocorreu	Não ocorreu	Ocorreu	Ocorreu
Comportamento 2	Ocorreu	Ocorreu	Ocorreu	Ocorreu
Comportamento 3	Não ocorreu	Não ocorreu	Não ocorreu	Não ocorreu
Comportamento 4	Ocorreu	Não ocorreu	Não ocorreu	Não ocorreu

Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita a partir das gravações (vídeo e áudio) e transcrições das supervisões e das sessões de atendimento. As transcrições das supervisões foram feitas pela auxiliar (psicóloga) treinada especialmente para essa função, e as transcrições dos atendimentos foram feitas pelos próprios psicoterapeutas. A supervisora, aleatoriamente, comparou trechos curtos entre todas as transcrições e vídeos das supervisões e de atendimentos a fim de ter uma amostra da fidedignidade dos registros. Observou-se que todos os trechos selecionados estavam transcritos de forma fidedigna ao vídeo correspondente.

O período de tempo de aproximadamente seis meses, compreendido para a coleta desses dados, teve início após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética.

Adequação das Condições e Execução da Pesquisa

O local onde foram realizadas as supervisões para esta pesquisa foi no ITCR - Campinas, em salas preparadas para os atendimentos, compostas por uma poltrona para o cliente e outra para o psicoterapeuta, dispostas frente a frente, com equipamentos adequados para o registro eletrônico das supervisões e sessões. As supervisões e sessões tiveram duração máxima de até 30 minutos cada uma, e a pesquisadora se responsabilizou por fazer a gravação (funcionamento e posicionamento da câmera de vídeo) de todas as supervisões e sessões realizadas, permanecendo, desse modo, presente durante os atendimentos dos psicoterapeutas e em silêncio. No encerramento da atividade, fez um comentário, tal como: *“Obrigada, por hoje é só. Continuaremos na próxima semana. Aguardem por um novo email que enviarei”*.

Psicoterapeutas e clientes foram informados sobre o objetivo geral da pesquisa a que foram submetidos, mas não dos objetivos específicos, para evitar induzir o desempenho dos psicoterapeutas e das clientes. Depois de terem sido esclarecidas as dúvidas, bem como os participantes terem concordado com todas as condições propostas para a participação na atividade, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue para que os envolvidos pudessem assiná-lo em conformidade.

PROCEDIMENTO

Procedimento Geral

Inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação da Banca de Qualificação constituída na Instituição e Associação Paradigma - Centro de Ciência e Tecnologia do Comportamento e, posteriormente, à aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil.

Após receber parecer favorável desses órgãos, a pesquisadora iniciou a etapa de seleção dos seis psicoterapeutas. Entre os que se voluntariaram, foram escolhidos aqueles que melhor se adequaram aos critérios de inclusão. Em seguida, foram convidadas a participar como clientes duas alunas que se destacaram nas aulas nos cursos de Especialização e Formação pela riqueza do repertório social: clareza nas verbalizações e gesticulações apropriadas.

Foram então constituídas as seis tríades com Supervisora - Psicoterapeuta - Cliente, distribuídas em três grupos (Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3). Cada um dos grupos foi constituído da seguinte maneira:

Grupo 1 - Supervisora - Psicoterapeuta 1 – Cliente 1

Supervisora - Psicoterapeuta 2 – Cliente 2

Obs: Essas duas tríades foram expostas aos procedimentos P1 + P2 + P3.

Grupo 2 - Supervisora - Psicoterapeuta 3 – Cliente 1

Supervisora - Psicoterapeuta 4 – Cliente 2

Obs: Essas duas tríades foram expostas aos procedimentos P2 + P3.

Grupo 3 - Supervisora - Psicoterapeuta 5 – Cliente 1

Supervisora - Psicoterapeuta 6 – Cliente 2

Obs: Essas duas tríades foram expostas ao procedimento P3.

A etapa seguinte consistiu em enviar, por *email*, para os psicoterapeutas e clientes, os termos de Consentimento Livre e Esclarecido para que pudessem ler, esclarecerem suas dúvidas e assiná-los.

Em seguida, os psicoterapeutas foram individualmente convocados por *email* para assistirem a uma aula teórica gravada em DVD, contendo Conceitos Básicos da Análise do Comportamento relacionados aos objetivos da pesquisa. O DVD tinha duração aproximada de

33 minutos e apresentou a definição dos seguintes temas: queixa espontânea da cliente, dificuldade comportamental, episódio comportamental, os três termos da tríplice contingência e a inter-relação entre eles. A aula exibiu tais temas dando ênfase a exemplos para facilitar a compreensão dos conceitos ensinados. Os psicoterapeutas poderiam rever o vídeo quantas vezes fossem necessárias. Quando o psicoterapeuta se declarou apto para se submeter a uma avaliação, foi-lhe pedido que respondesse individualmente, por escrito, seis questões dissertativas (Apêndice B) com o objetivo de verificar o aprendizado dos conceitos ensinados na aula gravada. As avaliações foram corrigidas pela supervisora diante de um gabarito que continha as respostas corretas (Apêndice C). Com essa avaliação, esperava-se um nivelamento conceitual básico de todos os psicoterapeutas envolvidos nesta pesquisa antes de iniciar a fase de aplicação dos procedimentos.

Nessa nova etapa, cada psicoterapeuta recebeu um *email* contendo orientações sobre dia, horário e sala onde ocorreriam as atividades. Além disso, o *email* continha um anexo (Apêndice D e E), dependendo da “cliente” com a qual se faria o procedimento com o primeiro nome da “cliente” que iria atender e uma síntese por escrito, elaborada pela supervisora, das duas queixas que a “cliente” iria expor para o psicoterapeuta na sessão.

Para redigir a síntese das queixas, a supervisora se baseou na última versão apresentada pelas “clientes” na fase de treinamento. Outro anexo contido neste *email* foi o roteiro que descrevia os procedimentos a serem empregados na sessão. Na supervisão, que antecedia o atendimento propriamente dito, a supervisora lia e discutia com o psicoterapeuta todo o material escrito. Esse *email* foi enviado com, no mínimo, 24h de antecedência, com o objetivo de permitir que os psicoterapeutas pudessem ler, estudar e se preparar para a supervisão e para a sessão de psicoterapia.

Assim, os psicoterapeutas poderiam se familiarizar com as tarefas. Não houve exigência de que as decorassem, pois fariam uso dos anexos, sempre que necessário, tanto na supervisão como durante o atendimento.

A pesquisa envolveu as seguintes fases: Atendimento Livre, Procedimento 1, Procedimento 2 e Procedimento 3.

Atendimento Livre: consistiu em submeter todos os psicoterapeutas, individualmente, à primeira supervisão (Apêndice F) na qual recebiam da supervisora instruções básicas para o primeiro atendimento. Essa foi a única fase na qual todos os seis psicoterapeutas foram submetidos a um mesmo procedimento. O objetivo principal dessa fase foi fazer com que os psicoterapeutas esclarecessem todas as suas dúvidas em supervisão e

colhessem o maior número possível de informações sobre as queixas apresentadas pela sua “cliente” na sessão.

Procedimento 1: consistiu em submeter dois psicoterapeutas, individualmente, à supervisão (Apêndice G), na qual recebiam da supervisora tão somente instruções (orais e textuais) para conduzir o atendimento. O objetivo principal dessa fase foi fazer com que os psicoterapeutas construíssem por escrito e apresentassem oralmente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental relatado pela “cliente”, tendo recebido apenas as instruções para conduzir a sessão.

Procedimento 2: consistiu em submeter quatro psicoterapeutas, individualmente, à supervisão (Apêndice H), na qual recebiam da supervisora as mesmas instruções (orais e textuais) do Procedimento 1, nessa condição acrescidas de autoclíticos para o atendimento. O objetivo principal dessa fase foi fazer com que os psicoterapeutas construíssem por escrito e apresentassem oralmente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental relatado pela “cliente”, tendo recebido agora instruções e autoclíticos para conduzir a sessão.

Procedimento 3: consistiu em submeter seis psicoterapeutas, individualmente, à supervisão (Apêndice I), na qual recebiam da supervisora as mesmas instruções (orais e textuais) dadas nos Procedimentos 1 e 2, acrescidas de autoclíticos da mesma forma que no Procedimento 2 e com o acréscimo adicional de modelos para conduzir o atendimento. O objetivo principal dessa fase foi fazer com que os psicoterapeutas construíssem por escrito e apresentassem oralmente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental relatado pela “cliente”, tendo recebido ao todo instruções, autoclíticos e modelos para conduzir a sessão.

Os comportamentos emitidos em sessão pelos psicoterapeutas foram distribuídos em duas categorias, conforme aparece no Apêndice P:

1) Comportamentos Gerais: isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento (construir e apresentar a tríplice contingência de reforçamento);

2) Comportamentos Específicos: isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente).

O critério de classificação dos comportamentos foi: os juízes classificaram os comportamentos dos psicoterapeutas como “geral” ou “específico” a partir das definições acima. Os comportamentos foram agrupados numa categoria ou em outra quando houve concordância entre pelo menos dois juízes.

O critério de avaliação do comportamento alvo da pesquisa: o psicoterapeuta deveria apresentar para a cliente, durante a sessão, por escrito e oralmente, a tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado. Para tal, teria que emitir todos os comportamentos classificados como específicos.

Condições Experimentais dos Grupos 1, 2 e 3:

Grupo 1

Os procedimentos utilizados com o Grupo 1 tiveram como objetivo investigar os comportamentos do psicoterapeuta de construir por escrito e apresentar oralmente para a cliente a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado em sessão. Os participantes desse grupo, Psicoterapeuta 1 e Psicoterapeuta 2, foram submetidos individualmente à fase inicial denominada de Atendimento Livre e, depois, nessa sequência, aos três diferentes procedimentos de supervisão: Procedimento 1, Procedimento 2 e Procedimento 3.

1.1) Atendimento Livre

A pesquisadora iniciou os procedimentos com a Díade 1 (Supervisora e Psicoterapeuta 1, com a Cliente 1 e Queixa 1) e, depois, com a Díade 2 (Supervisora e Psicoterapeuta 2, com a Cliente 2 e Queixa 2). Para os dois psicoterapeutas das díades, a supervisora enviou por *email* as primeiras orientações para que eles pudessem fazer o primeiro atendimento livre. Na primeira supervisão, os psicoterapeutas foram instruídos tão somente sobre como iniciar a sessão e como levar a “cliente” a expor suas queixas.

Após a realização do atendimento livre, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que realizaram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Depois que a supervisora recebeu a transcrição por email e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas orientações para a fase seguinte: Procedimento 1. Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após os atendimentos e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

1.2) Procedimento 1

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 1 (Apêndice K), para estudar antes da supervisão e do próximo atendimento.

Na supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 1, que consistiu em supervisora e psicoterapeuta lerem juntos o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado apenas instrução verbal (oral e textual) sobre a tarefa a ser realizada pelo psicoterapeuta (construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de, nas suas explicações, apresentar tão somente as informações contidas no roteiro. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Terminada essa segunda supervisão, o psicoterapeuta iniciou imediatamente o atendimento seguinte.

Após o Procedimento 1, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que se seguiram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Depois que a supervisora leu a transcrição por *email* e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas orientações para a próxima fase: Procedimento 2.

Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após o atendimento e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

1.3) Procedimento 2

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 2 (Apêndice L) para estudar antes da supervisão e do próximo atendimento. Na supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 2, que consistiu em ambos lerem o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado instrução verbal (oral e textual) exatamente como no Procedimento 1, acrescida agora de autoclíticos (o psicoterapeuta deveria ficar sob controle das palavras e frases destacadas em negrito, sublinhadas e escritas em caixa alta, pois elas continham as informações cruciais a serem seguidas) sobre a tarefa a ser realizada pelo psicoterapeuta (construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de, nas suas explicações, ficar restrita às informações contidas no roteiro. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia

entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Terminada essa segunda supervisão, o psicoterapeuta iniciou imediatamente o atendimento seguinte.

Após o Procedimento 2, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que se seguiram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Depois que a supervisora leu a transcrição por *email* e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas orientações para a próxima fase: Procedimento 3.

Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após o atendimento e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

1.4) Procedimento 3

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 3 (Apêndice M) para estudar antes da supervisão e do atendimento seguinte. Na supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 3, que consistiu em ambos lerem juntos o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado instrução verbal (oral e textual) exatamente como no Procedimento 1, acrescida agora de autoclíticos (o psicoterapeuta deveria ficar sob controle das palavras e frases destacadas em negrito, sublinhadas e escritas em caixa alta, pois elas continham as informações cruciais a serem seguidas) e modelos de como proceder na sessão (a supervisora dava modelos orais e escritos de como o psicoterapeuta deveria executar cada uma das tarefas descritas no roteiro até a construção por escrito e oral da tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de, nas suas explicações, destacar apenas os modelos apresentados nas instruções. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Terminada essa terceira supervisão o psicoterapeuta iniciou imediatamente o atendimento seguinte.

Após o Procedimento 3, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que se seguiram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Novo *email* foi enviado pela supervisora ao psicoterapeuta, comunicando que os objetivos haviam sido atingidos e que a participação do psicoterapeuta na pesquisa estava encerrada. A supervisora agradeceu a colaboração de cada participante e se disponibilizou a

enviar para todos uma cópia da dissertação assim que fosse avaliada pela banca e tivesse sua divulgação autorizada.

Em suma, cada psicoterapeuta do Grupo 1 foi exposto, sucessivamente, aos três Procedimentos experimentais 1, 2 e 3 com sua respectiva “cliente” e sempre com a mesma queixa. Não foi utilizada nenhuma consequência diferenciada para os desempenhos do psicoterapeuta após as sessões. O objetivo principal dos procedimentos foi avaliar a função dos antecedentes experimentais sobre os comportamentos sob estudo dos psicoterapeutas.

Grupo 2

Os procedimentos utilizados com o Grupo 2 tiveram como objetivo investigar os comportamentos do psicoterapeuta de construir por escrito e apresentar oralmente para a cliente a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado. Os participantes desse grupo, Psicoterapeuta 3 e Psicoterapeuta 4, foram submetidos individualmente à fase inicial denominada de Atendimento Livre e depois, nessa sequência, aos dois diferentes procedimentos de supervisão: Procedimento 2 e Procedimento 3.

2.1) Atendimento Livre

A pesquisadora iniciou os procedimentos com a Díade 3 (Supervisora e Psicoterapeuta 3, com a Cliente 1 e Queixa 1) e depois com a Díade 4 (Supervisora e Psicoterapeuta 4, com a Cliente 2 e Queixa 2). Para os dois psicoterapeutas das díades, a supervisora enviou por *email* as primeiras orientações para que pudessem fazer o primeiro atendimento livre. Na primeira supervisão, os psicoterapeutas foram instruídos tão somente sobre como iniciar a sessão e como levar a “cliente” a expor suas queixas.

Após a realização do atendimento livre, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que realizaram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Depois que a supervisora recebeu a transcrição por *email* e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas orientações para a próxima fase: Procedimento 2. Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após os atendimentos e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

2.2) Procedimento 2

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 2 (Apêndice L) para estudar antes da supervisão e do atendimento seguinte. Na

supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 2, que consistiu em ambos lerem juntos o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado instrução verbal (oral e textual) acrescida agora de autoclíticos (o psicoterapeuta deveria ficar sob controle das palavras e frases destacadas em negrito, sublinhadass e escritas em caixa alta, pois elas continham as informações cruciais a serem seguidas) sobre a tarefa a ser realizada pelo psicoterapeuta (construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de ficar restrita às informações contidas no roteiro. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Terminada esta segunda supervisão o psicoterapeuta iniciou imediatamente o atendimento seguinte.

Após o Procedimento 2, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que se seguiram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por email para a supervisora. Depois que a supervisora leu a transcrição por *email* e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas orientações para a fase seguinte: Procedimento 3.

Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após o atendimento e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

2.3) Procedimento 3

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 3 (Apêndice M) para estudar antes da supervisão e do atendimento seguinte. Na supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 3 que consistiu em ambos lerem juntos o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado instrução verbal (oral e textual) acrescida de autoclíticos, exatamente como no Procedimento 2 (o psicoterapeuta deveria ficar sob controle das palavras e frases destacadas em negrito, sublinhadas e escritas em caixa alta, pois elas continham as informações cruciais a serem seguidas) e agora acrescida de modelos de como proceder na sessão (a supervisora dava modelos orais e escritos de como o psicoterapeuta deveria executar cada uma das tarefas descritas no roteiro até a construção por escrito e oral da tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de, nas suas explicações, destacar apenas os modelos apresentados nas instruções. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Novo *email* foi enviado pela supervisora ao psicoterapeuta, comunicando que os objetivos haviam sido atingidos e que a participação do psicoterapeuta na pesquisa estava encerrada. A supervisora agradeceu a colaboração de cada participante e se disponibilizou a enviar para todos uma cópia da dissertação assim que fosse avaliada pela banca e tivesse sua divulgação autorizada.

Em suma, cada psicoterapeuta do Grupo 2 foi exposto, sucessivamente, aos dois procedimentos experimentais 1 e 2 com sua respectiva cliente e sempre com a mesma queixa. Não foi utilizada nenhuma consequência diferenciada para os desempenhos do psicoterapeuta após as sessões. O objetivo principal dos procedimentos foi avaliar a função dos antecedentes experimentais sobre os comportamentos sob estudo dos psicoterapeutas.

Grupo 3

Os procedimentos utilizados com o Grupo 3 tiveram como objetivo investigar os comportamentos do psicoterapeuta de construir por escrito e apresentar oralmente para a cliente a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado. Os participantes desse grupo, Psicoterapeuta 5 e Psicoterapeuta 6, foram submetidos individualmente à fase inicial denominada de Atendimento Livre e depois exclusivamente ao Procedimento 3.

3.1) Atendimento Livre

A pesquisadora iniciou os procedimentos com a Díade 5 (Supervisora e Psicoterapeuta 5, com a Cliente 1 e Queixa 1) e depois com a Díade 6 (Supervisora e Psicoterapeuta 6, com a Cliente 2 e Queixa 2). Para os dois psicoterapeutas das díades, a supervisora enviou por *email* as primeiras orientações para que eles pudessem fazer o primeiro atendimento livre. Na primeira supervisão com os psicoterapeutas, não foi introduzido nenhum procedimento experimental. Os psicoterapeutas foram instruídos tão somente sobre como iniciar a sessão e como levar a “cliente” a expor suas queixas.

Após a realização do atendimento livre, os psicoterapeutas transcreveram a sessão na íntegra e usaram a transcrição como material de consulta, sempre que necessário, em todos os atendimentos que realizaram. Feita a transcrição, os psicoterapeutas enviaram esse material por *email* para a supervisora. Depois que a supervisora recebeu a transcrição por *email* e assistiu ao vídeo da sessão, ela enviou um novo *email* para os psicoterapeutas com novas

orientações para a fase seguinte: Procedimento 3. Nenhuma consequência diferenciada foi utilizada pela supervisora após os atendimentos e o recebimento do vídeo e da transcrição da sessão. No início da supervisão seguinte, a supervisora dizia: “Você atingiu os objetivos. Podemos seguir adiante”.

3.2) Procedimento 3

Nesta fase, o psicoterapeuta recebeu por *email* o Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 3 (Apêndice M) para estudar antes da supervisão e do atendimento seguinte. Na supervisão dessa fase, após o aluno ter estudado antecipadamente o roteiro, a supervisora introduziu o Procedimento 3, que consistiu em ambos lerem juntos o roteiro de procedimento a ser adotado na sessão, tendo a supervisora usado instrução verbal (oral e textual), acrescida de autoclíticos (o psicoterapeuta deveria ficar sob controle das palavras e frases destacadas em negrito, sublinhadas e escritas em caixa alta, pois elas continham as informações cruciais a serem seguidas) e também acrescida de modelos de como proceder na sessão (a supervisora dava modelos orais e escritos de como o psicoterapeuta deveria executar cada uma das tarefas descritas no roteiro até a construção por escrito e oral da tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado).

Todas as dúvidas apresentadas pelo psicoterapeuta foram esclarecidas, tendo a supervisora o cuidado de, nas suas explicações, destacar apenas os modelos apresentados nas instruções. A supervisão durou o tempo necessário até o psicoterapeuta concordar que havia entendido as instruções e estava apto a iniciar a sessão. Novo *email* foi enviado pela supervisora ao psicoterapeuta, comunicando que os objetivos haviam sido atingidos e que a participação do psicoterapeuta na pesquisa estava encerrada. A supervisora agradeceu a colaboração de cada participante e se disponibilizou a enviar para todos uma cópia da dissertação assim que fosse avaliada pela banca e tivesse sua divulgação autorizada.

Em suma, cada psicoterapeuta do Grupo 3 foi exposto ao procedimento experimental 3 com sua respectiva “cliente” e sempre com a mesma queixa. Não foi utilizada nenhuma consequência diferenciada para os desempenhos do psicoterapeuta após as sessões. O objetivo principal dos procedimentos foi avaliar a função dos antecedentes experimentais sobre os comportamentos sob estudo dos psicoterapeutas.

Procedimento de Registro e Análise dos Dados

Os dados foram observados, registrados e analisados para cada um dos Grupos (1, 2 e 3) em duas categorias:

- a) Comportamentos da supervisora conforme categorização descrita (Apêndice O);
- b) Comportamentos do psicoterapeuta conforme categorização descrita (Apêndice P).

Os dados foram coletados comparando-se a ocorrência ou não ocorrência dos comportamentos sob estudo da supervisora e dos psicoterapeutas nos atendimentos livres e nos procedimentos P1, P2 e P3. Os registros foram feitos pelos juízes em duas folhas de registro distintas: uma para a supervisora (Apêndice O) e outra para os psicoterapeutas (Apêndice P).

Os dados, assim coletados, devem indicar:

- a) Se a supervisora se comportou nas supervisões de forma consistente com as instruções referentes a cada fase do procedimento; e
- b) Se houve ou não diferenças nos comportamentos-alvo dos psicoterapeutas em função dos diferentes procedimentos experimentais aplicados.

Delineamento de Controle Experimental:

O estudo empregou um delineamento entre-grupos e, nesse delineamento, os efeitos de uma condição experimental são avaliados pela comparação entre diferentes grupos de sujeitos, submetidos, cada um dos grupos, a diferentes condições. Nesse delineamento, cada sujeito foi exposto a apenas uma das condições do experimento e, além disso, os dois sujeitos do Grupo 1, os dois sujeitos do Grupo 2 e os dois sujeitos do Grupo 3 foram expostos às mesmas condições por um mesmo período de tempo. O delineamento experimental entre-grupos permitiu comparar os efeitos da introdução das variáveis experimentais nas seguintes formas:

Grupo 1 – Introdução individualizada de cada variável experimental em sucessão;

Grupo 2 – Introdução simultânea de duas e três das variáveis experimentais do Grupo 1 em sucessão;

Grupo 3 – Introdução simultânea das três variáveis experimentais do Grupo 1.

Adicionalmente, dentro de cada grupo, houve replicação direta entre sujeitos (dois no G1 e G2 e três no G3). Ver tabela 03.

Tabela 3 . Distribuição das variáveis experimentais entre-grupos e entre-sujeitos

	Supervisão Ausência de Variável Experimental	Supervisão Variável Independente (Instrução)	Supervisão Variável Independente (Instrução + Autoclíticos)	Supervisão Variável Independente (Instrução + Autoclíticos + Modelos)
Grupo 1 (S1 e S2)	Atendimento Livre	Procedimento 1	Procedimento 2	Procedimento 3
Grupo 2 (S3 e S4)	Atendimento Livre		Procedimento 2	Procedimento 3
Grupo 3 (S5 e S6)	Atendimento Livre			Procedimento 3

As variáveis experimentais no Grupo 1 foram introduzidas uma a uma cumulativamente, a fim de verificar os efeitos isolados de uma única variável experimental (Procedimento 1 - P1), o efeito conjunto de outra variável experimental adicionada à anterior (Procedimento 2 - P2) e o efeito conjunto de mais outra variável experimental adicionada às duas anteriores (Procedimento 3 - P3);

As variáveis experimentais no Grupo 2 foram introduzidas de forma a replicar os efeitos do Procedimento 2 e do Procedimento 3 em sucessão;

As variáveis experimentais no Grupo 3 foram introduzidas em uma única vez de forma a replicar os efeitos do Procedimento 3;

A utilização de dois sujeitos em todos os procedimentos visou a replicar os resultados individuais do mesmo procedimento.

ASPECTOS ÉTICOS

Análise Crítica e Risco-Benefício

Nesta pesquisa não houve procedimentos correlacionados ao processo real de psicoterapia do cliente, visto que se trataram de informações coletadas com queixas simuladas. Pode-se considerar, no entanto, que existiu uma exposição mínima dos psicoterapeutas e clientes voluntários e participantes da pesquisa. Qualquer participante voluntário que se sentiu desconfortável ou constrangido com tais atuações, foi desligado e retirado do projeto.

Retorno dos Benefícios para a População Estudada

Os resultados desta pesquisa puderam contribuir diretamente com a melhora no processo de ensino-aprendizagem de psicoterapeutas em formação, adquirindo um repertório clínico mais eficaz para o desenvolvimento de sua atuação profissional futura, melhorando também sua qualidade de atendimento com seu cliente ao aprenderem como construir a tríplice contingência de reforçamento em sessão. Também pode lançar diretrizes para comportamentos esperados de supervisores, que puderam se beneficiar dos resultados para escolherem o método de supervisão com o melhor aproveitamento de aprendizagem das habilidades ensinadas neste estudo.

Cabe ressaltar que os registros e análises feitas ao término deste projeto de pesquisa puderam ser utilizados para o planejamento e aprimoramento de novos estudos e de ações de todos os supervisores que exercem a função de supervisionar dentro do modelo por Terapia de Contingências de Reforçamento.

Termo para Utilização de Dados

O projeto “EFICÁCIA DE PROCEDIMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO” se comprometeu com o fato de que os dados obtidos a partir das gravações e transcrições de supervisões e sessões foram utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa, sendo que os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo. A inclusão dos participantes na pesquisa somente se fez após assinatura do termo de consentimento específico para estudo.

RESULTADOS

Os resultados do presente estudo são descritos seguindo-se a ordem de apresentação dos objetivos propostos e seguindo-se a ordem de cada grupo submetido aos procedimentos, ou seja, Grupo 1, 2 e 3. Os resultados expostos estão relacionados a qual procedimento teve maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta para construir por escrito e apresentar oralmente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado, bem como os resultados acerca dos efeitos do Procedimento 1 (instrução verbal), Procedimento 2 (instrução verbal acrescida de autoclítico) e Procedimento 3 (instrução verbal acrescida de autoclítico e de modelos).

Tabela 4. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 1

Sujeitos	Psicoterapeuta 1				Psicoterapeuta 2			
	AL	P1	P2	P3	AL	P1	P2	P3
Comportamentos Gerais	N = 6 T = 6 %= 100	N = 5 T = 5 %= 100	N = 5 T = 5 %= 100	N = 7 T = 7 %= 100	N = 6 T = 5 %= 83	N = 5 T = 5 %= 100	N = 5 T = 5 %= 100	N = 7 T = 7 %= 100
Comportamentos Específicos	Nulo	N = 13 T = 5 %= 38	N = 13 T = 9 %= 69	N = 14 T = 11 %= 79	Nulo	N = 13 T = 6 %= 46	N = 13 T = 10 %= 76	N = 14 T = 13 %= 93

N = Total de Comportamentos Avaliados

T = Total de Comportamentos Emitidos

% = Porcentagem de Comportamentos Emitidos

A Tabela 4 permite concluir:

Fase de Atendimento Livre - O Psicoterapeuta 1 emitiu 100% dos comportamentos gerais esperados e o Psicoterapeuta 2 emitiu 83%. Conclusão: as orientações dadas pela supervisora na fase de Atendimento Livre foram suficientes para o Psicoterapeuta 1 e 2 emitirem o desempenho esperado.

Fase de Procedimento 1 (introdução de instrução oral e textual) - Existem cinco comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 13 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). Os dois psicoterapeutas (1 e 2) emitiram 100% dos comportamentos gerais, o Psicoterapeuta 1 emitiu 38% dos

comportamentos específicos, enquanto o Psicoterapeuta 2 emitiu 46% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 1 não foi suficiente para produzir o comportamento esperado num nível psicoterapêutico funcional, ou seja, não foi suficiente para o psicoterapeuta construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento.

Fase de Procedimento 2 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos) - Existem cinco comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 13 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). Os dois psicoterapeutas emitiram 100% dos comportamentos gerais, o Psicoterapeuta 1 emitiu 69% dos comportamentos específicos, enquanto o Psicoterapeuta 2 emitiu 76% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 2, que acrescentou autoclíticos ao procedimento 1, produziu uma melhora na emissão dos comportamentos do objetivo do procedimento, porém insuficiente num nível psicoterapêutico funcional, ou seja, não foi suficiente para o psicoterapeuta construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento.

Fase de Procedimento 3 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos e modelos) - Existem sete comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 14 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). Os dois psicoterapeutas emitiram 100% dos comportamentos gerais, o Psicoterapeuta 1 emitiu 79% dos comportamentos específicos, enquanto o Psicoterapeuta 2 emitiu 93% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 3, que acrescentou modelos ao Procedimento 2, produziu uma melhora em ambos os psicoterapeutas em relação ao uso exclusivo do Procedimento 2 na emissão dos comportamentos do objetivo do procedimento. O psicoterapeuta 2 conseguiu atingir o desempenho psicoterapêutico funcional, ou seja, o psicoterapeuta construiu por escrito e apresentou oralmente a tríplice contingência de reforçamento.

Tabela 5. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 2

Sujeitos	Psicoterapeuta 3				Psicoterapeuta 4			
	AL	P1	P2	P3	AL	P1	P2	P3
Comportamentos Gerais	N = 6 T = 5 % = 83	Nulo	N = 5 T = 5 % = 100	N = 7 T = 7 % = 100	N = 6 T = 5 % = 83	Nulo	N = 5 T = 5 % = 100	N = 7 T = 7 % = 100
Comportamentos Específicos	Nulo	Nulo	N = 13 T = 3 % = 23	N = 14 T = 11 % = 79	Nulo	Nulo	N = 13 T = 7 % = 54	N = 14 T = 13 % = 93

N = Total de Comportamentos Avaliados

T = Total de Comportamentos Emitidos

% = Porcentagem de Comportamentos Emitidos

A Tabela 5 permite concluir:

Fase de Atendimento Livre - Os dois psicoterapeutas (3 e 4) emitiram 83% dos comportamentos gerais esperados. Conclusão: as orientações dadas pela supervisora na fase de Atendimento Livre foram suficientes para o desempenho esperado.

Fase de Procedimento 1 (introdução de instrução oral e textual) - Esse procedimento não foi aplicado para o Grupo 2.

Fase de Procedimento 2 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos) - Existem cinco comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 13 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). Os dois psicoterapeutas emitiram 100% dos comportamentos gerais, o Psicoterapeuta 3 emitiu 23% dos comportamentos específicos, enquanto o Psicoterapeuta 4 emitiu 54% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 2, introduzido sem a experiência prévia com o Procedimento 1, produziu para os dois psicoterapeutas uma porcentagem menor na emissão dos comportamentos do objetivo do procedimento do que quando houve uma sessão de atendimento feita com instrução. Isso sugere que a introdução em sequência das variáveis instrução e instrução mais autoclítico pode ser mais eficiente do que a introdução direta dos dois procedimentos associados. Pode-se notar, adicionalmente, que ambos os sujeitos do Grupo 2, com os quais se usou o Procedimento 2, deram resultados inferiores aos dois sujeitos do Grupo 1, que foram expostos ao Procedimento 1 antes do Procedimento 2. O Procedimento 2 do Grupo 2 mostrou que os procedimentos foram insuficientes num nível psicoterapêutico funcional, ou seja, não foram suficientes para o

psicoterapeuta construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento.

Fase de Procedimento 3 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos e modelos) - Existem sete comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 14 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). Os dois psicoterapeutas emitiram 100% dos comportamentos gerais, o Psicoterapeuta 3 emitiu 79% dos comportamentos específicos, enquanto que o Psicoterapeuta 4 emitiu 93% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 3, que acrescentou modelos ao Procedimento 2, produziu uma melhora em ambos os psicoterapeutas em relação ao uso exclusivo do Procedimento 2 na emissão dos comportamentos do objetivo do procedimento. O Psicoterapeuta 4 conseguiu atingir o desempenho psicoterapêutico funcional, ou seja, o psicoterapeuta construiu por escrito e apresentou oralmente a tríplice contingência de reforçamento. A introdução do Procedimento 3, quer tenha sido precedida dos procedimentos 1 e 2 (Grupo 1), quer tenha sido precedida apenas do Procedimento 2, produziu idênticos resultados. Isso sugere que a introdução isolada do Procedimento 1 não alterou o desempenho no Procedimento 3, ou seja, pode ser dispensada.

Tabela 6. Comportamentos emitidos por dois psicoterapeutas nos três procedimentos experimentais do Grupo 3

Sujeitos	Psicoterapeuta 5				Psicoterapeuta 6			
	AL	P1	P2	P3	AL	P1	P2	P3
Comportamentos Gerais	N = 6 T = 6 % = 100	Nulo	Nulo	N = 7 T = 7 % = 100	N = 6 T = 5 % = 83	Nulo	Nulo	N = 7 T = 6 % = 86
Comportamentos Específicos	Nulo	Nulo	Nulo	N = 14 T = 13 % = 93	Nulo	Nulo	Nulo	N = 14 T = 13 % = 93

N = Total de Comportamentos Avaliados

T = Total de Comportamentos Emitidos

% = Porcentagem de Comportamentos Emitidos

A Tabela 6 permite concluir:

Fase de Atendimento Livre - O Psicoterapeuta 5 emitiu 100% dos comportamentos gerais esperados e o Psicoterapeuta 6 emitiu 83%. Conclusão: as orientações dadas pela supervisora na fase de Atendimento Livre foram suficientes para o Psicoterapeuta 5 e 6 emitirem o desempenho esperado.

Fase de Procedimento 1 (introdução de instrução oral e textual) - Este procedimento não foi aplicado para o Grupo 3.

Fase de Procedimento 2 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos) - Este procedimento não foi aplicado para o Grupo 3.

Fase de Procedimento 3 (introdução de instrução oral e textual acrescida de autoclíticos e modelos) - Existem sete comportamentos gerais, isto é, aqueles que são esperados na interação psicoterapeuta-cliente, mas que não têm relação essencial com o objetivo final do procedimento. Existem, adicionalmente, 14 comportamentos específicos, isto é, comportamentos que compõem o objetivo comportamental do procedimento (variável dependente). O Psicoterapeuta 5 emitiu 100% dos comportamentos gerais e o Psicoterapeuta 6 emitiu 86% dos comportamentos gerais. Ambos, por sua vez, emitiram 93% dos comportamentos específicos. Conclusão: o Procedimento 3, que incluiu todos os procedimentos numa única supervisão de treinamento e que foi conduzido em uma única sessão com o cliente, apresentou, para os dois psicoterapeutas, resultados psicoterapêuticos funcionais, ou seja, ambos conseguiram construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento.

CONCLUSÃO GERAL

Para apresentar os resultados referentes aos dados de qual procedimento teve maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta, foram realizadas análises das respostas emitidas pelo comportamento da supervisora em supervisão que evocaram as respostas emitidas pelo comportamento dos psicoterapeutas em sessões de psicoterapia. Sendo assim, os psicoterapeutas 2, 4, 5 e 6, participantes da pesquisa, atingiram o objetivo de construir por escrito e apresentar oralmente a tríplice contingência de reforçamento, conforme exigido pelo estudo. Todos os quatro foram submetidos aos três procedimentos: instrução, instrução mais autoclítico, instrução mais autoclítico e modelo. O Procedimento 1 exigiu três sessões de atendimento para que o Psicoterapeuta 2 chegasse ao desempenho final esperado; o Procedimento 2 exigiu duas sessões para que o Psicoterapeuta 4 chegasse ao desempenho final esperado; o Procedimento 3 exigiu apenas uma sessão para que os psicoterapeutas 5 e 6 chegassem ao desempenho final esperado. A introdução do Procedimento 3, quer tenha sido precedida dos procedimentos 1 e 2 (Grupo 1), quer tenha sido precedida apenas do

Procedimento 2, produziu idênticos resultados. Isso sugere que a introdução isolada do procedimento 1 não alterou o desempenho no procedimento 3, ou seja, pode ser dispensada.

Os resultados, portanto, indicam que:

- 1) Supervisão apenas com uso de instrução não basta;
- 2) Supervisão apenas com uso de instrução mais autoclítico não basta;
- 3) Supervisão com instrução mais autoclítico seguida de uma primeira sessão de atendimento, acrescida de uma segunda supervisão com uso de instrução mais autoclítico e modelo seguida de uma segunda sessão de atendimento pode bastar;
- 4) Supervisão com uso de instrução mais autoclítico mais modelos seguida de uma única sessão de atendimento basta.

Essas conclusões se baseiam em avaliações feitas com uma amostra de dois psicoterapeutas em cada condição. Deve-se ter cuidado com qualquer generalização desses dados como válidos para uma amostra mais abrangente. As diferenças de resultados podem se dever a diferenças na maneira de introduzir os procedimentos, a diferenças de repertórios comportamentais psicoterapêuticos não identificadas entre os sujeitos e a outras possíveis variáveis não identificadas.

Convém destacar que os psicoterapeutas 2 e 6, que construíram a tríplice contingência de reforçamento, cursavam o 5º ano da graduação; o Psicoterapeuta 4, que construiu a tríplice contingência de reforçamento, cursava o 4º ano; e o Psicoterapeuta 5, que construiu a tríplice contingência de reforçamento, era recém-formado. Os psicoterapeutas 2, 4 e 6 estavam frequentando pela primeira vez o curso de formação de terapeutas comportamentais, e o Psicoterapeuta 5 estava frequentando o curso de especialização. Os dois psicoterapeutas 1 e 3, que não conseguiram construir a tríplice de contingência de reforçamento, tinham iniciado o curso de formação; o psicoterapeuta 1 frequentava o 4º ano de graduação e o psicoterapeuta 3 era recém-formado.

Recomenda-se que os supervisores adotem os três procedimentos em conjunto, a fim de conseguir o desempenho comportamental final desejado com menos sessões de supervisão. Sugere-se a replicação dos procedimentos com um maior número de participantes, em particular do procedimento 3.

Tabela 7. Número de registros iguais entre os três juízes e número de registros iguais entre dois juízes

REGISTROS IGUAIS ENTRE TRÊS JUÍZES		REGISTROS IGUAIS ENTRE DOIS JUÍZES	
Ocorrência do Comportamento	Não Ocorrência do Comportamento	Ocorrência do Comportamento	Não Ocorrência do Comportamento
191	21	27	31

A Tabela 7 mostra o número de concordância entre os três juízes sobre a ocorrência e não ocorrência de comportamentos. A fidedignidade entre os três juízes foi, portanto, de 79%. A fidedignidade entre os três juízes somada à fidedignidade entre dois juízes foi de 100%. A fidedignidade de ocorrência dos comportamentos emitidos pela supervisora nas supervisões entre os três juízes foi de 100%. Dois juízes concordaram que apenas seis comportamentos não foram emitidos (um juiz registrou que todos foram emitidos) num total de 514 comportamentos registrados.

DISCUSSÃO

Os resultados apresentados neste trabalho contribuem para ampliar a compreensão do papel fundamental da escolha de procedimentos específicos usados pelo supervisor em supervisão que irão ensinar ou não o psicoterapeuta a construir por escrito e apresentar oralmente para a cliente a tríplice contingência de reforçamento do episódio comportamental selecionado.

A bibliografia acerca do tema supervisão clínica tem apontado a falta de padronização de procedimentos de supervisão e ausência de modelos devidamente certificados experimentalmente, o que autoriza que cada supervisor utilize procedimentos que julga mais conveniente, mantendo sua atividade à margem de uma avaliação científica. Outro ponto preocupante, apontado nos estudos sobre a prática da supervisão, é que essa atividade está pautada no relato verbal para o ensino e orientação da prática dos psicoterapeutas. O presente estudo se propôs a preencher essas duas lacunas da prática de supervisão.

Foram utilizados procedimentos experimentais tecnologicamente descritos e conceitualmente sistemáticos (Baer, Wolf e Risley, 1968), o que os torna replicáveis e consistentes com a Análise do Comportamento. Foi investigada sistematicamente a instrução verbal, a qual permite uma replicação da prática de basear a supervisão em orientações verbais.

As instruções orais e textuais utilizadas pela supervisora nos procedimentos tiveram como objetivo fornecer aos psicoterapeutas orientações específicas de como se comportar nas sessões, evitando, desta forma, que se mantivessem apenas sob controle de contingência naturais aleatórias que caracterizam uma interação desvinculada de um sólido referencial conceitual e de evidências experimentais. Como escreveu Skinner (1957/1978, pp. 436-437) “o ouvinte é instruído pela repetição, pelas técnicas de instigação e investigação”.

Também se investigaram formas mais elaboradas de instrução verbal enriquecidas com autoclíticos. A escolha e o uso de autoclíticos como um outro procedimento específico, que visa a enfatizar e facilitar a compreensão das instruções aos psicoterapeutas, se deram para investigar se essas variáveis bastariam para controlar o comportamento do supervisionando dentro da sessão. Como mencionou Skinner (1957/1978 p.411), “A explicação definitiva do comportamento autoclítico repousa no efeito que ele exerce sobre o ouvinte”.

E, por fim, a escolha do uso de modelos fornecidos pela supervisora objetivou dar um passo além, qual seja, apresentar modelos dados pela supervisora. Ao apresentar um modelo,

o supervisor aumenta o grau de controle sobre o supervisionado (controle pelo antecedente) e evoca o comportamento imitativo, que, emitido na presença do supervisor, permite a ele reforçar diferencialmente a emissão do comportamento até a correta imitação (seleção pelas consequências). A apresentação dos modelos tinha por objetivo mostrar para o psicoterapeuta o que era minimamente correto e essencial para ser feito. Embora, nesta pesquisa, esperava-se que o psicoterapeuta atuasse na sessão sob controle do modelo apresentado, não se pretende, a longo prazo, com o uso do procedimento de imitação, limitar a criatividade do psicoterapeuta, mas tão somente fornecer-lhe um primeiro passo apropriado a ser emitido e que será progressivamente modificado e selecionado pelas consequências que produz.

Os resultados do presente estudo revelaram que o Procedimento 3 (combinação de uso de instruções orais e textuais, acrescidas de autoclíticos e modelos) teve maior eficácia sobre o comportamento do psicoterapeuta para construir por escrito e apresentar oralmente em sessão a tríplice contingência de reforçamento de um episódio comportamental selecionado.

Uma importante limitação deste trabalho foi o número restrito dos sujeitos expostos aos procedimentos. Seria recomendável que o Procedimento 3 fosse replicado com um número maior de sujeitos, inclusive com alunos de graduação que não tiveram ainda nenhum contato com atividades clínicas. A utilização do procedimento 3 com sujeitos seguramente ingênuos em interações psicoterapêuticas permitiria conclusões mais convincentes do poder do procedimento ou de suas possíveis limitações. Os objetivos da presente pesquisa, no entanto, justificam a utilização de um número restrito de sujeitos, em particular pela complexidade dos procedimentos utilizados. A confiança na força do Procedimento 3 foi confirmada nos outros dois grupos: no Grupo 1, quando se introduziu o Procedimento 3, um dos sujeitos replicou os dados do Grupo 3; no Grupo 2, quando se introduziu o Procedimento 3, um dos sujeitos replicou os dados do Grupo 3. Se, por um lado, o sucesso com um sujeito do Grupo 1 e com um sujeito do Grupo 2 fortalece a evidência a favor da eficácia do Procedimento 3, por outro lado, fica por ser explicado os resultados com os outros sujeitos que não alcançaram o objetivo proposto. Mais uma vez a replicação com um maior número de sujeitos dos procedimentos usados com os Grupos 1 e 2 poderia oferecer mais elementos para concluir sobre os efeitos das variáveis experimentais manejadas.

Pode-se afirmar, entretanto, que o presente estudo representa um avanço em relação aos estudos na área de supervisão clínica apresentados na revisão das publicações apresentadas na introdução.

Assim, em primeiro lugar, todos os procedimentos apresentados foram descritos tecnologicamente, o que permite replicações experimentais tanto diretas quanto sistemáticas

(Sidman, 1960), o que é uma contribuição fértil para o desenvolvimento da área de pesquisa sobre eficácia diferenciada de diferentes procedimentos de supervisão. Adicionalmente, uma descrição tecnológica permite uma comunicação direta e clara, passível de ser avaliada entre o supervisor e o psicoterapeuta (conforme pode ser constatado pelos anexos em que são descritos os procedimentos). Tal riqueza de controle do comportamento verbal do supervisor sobre o psicoterapeuta é mais uma das qualidades de uma linguagem tecnológica da Análise do Comportamento.

Em segundo lugar, o estudo foi conceitualmente sistemático, com uma maneira de investigar o fenômeno comportamental de interesse pela adoção da Análise do Comportamento. Nesse sentido, tanto os procedimentos quanto os resultados podem ser analisados dentro de um modelo de trabalho na psicologia que exclui qualquer forma de ecletismo.

O que norteou a pesquisadora na elaboração e aplicação dos procedimentos foi um comprometimento ao lidar o tempo todo com contingências de reforçamento. O analista do comportamento se interessa por comportamentos e sentimentos de seus clientes, mas, na realidade, lida com as contingências de reforçamento das quais são função (Guilhardi, 2004 parafraseando Matos).

Procurou-se, no presente estudo, descrever os procedimentos com terminologia e conceitos operantes. A supervisora pesquisou o papel do controle de estímulos antecedentes sobre o comportamento dos psicoterapeutas nos atendimentos. Para tal, utilizou regras verbais, em seguida regras com autoclíticos e, depois, empregou regras com autoclíticos mais modelos. Cada uma dessas variáveis experimentais foi introduzida de forma sistemática de acordo com os procedimentos.

Nesse sentido, a ênfase da pesquisa esteve no manejo dos dois primeiros termos da tríplice contingência. Parece que este delineamento de manejo de variáveis é o mais apropriado para o contexto em que foi realizada a pesquisa, uma vez que a supervisora não acompanhou diretamente o desempenho do psicoterapeuta na sessão, o que impediu o uso de consequências reforçadoras diferenciais.

Há, por certo, a possibilidade de consequenciar diretamente e de forma imediata os comportamentos emitidos pelos psicoterapeutas durante o atendimento, desde que seja programada a observação direta pelo supervisor do desempenho do psicoterapeuta (por exemplo, através de um espelho unidirecional e utilização de ponto de escuta, que permite ao supervisor transmitir as orientações para o supervisionado).

Nesta pesquisa, optou-se por adotar um procedimento mais corriqueiro e mais viável no treinamento de alunos nos estágios clínicos, em particular em cursos de graduação. A coleta de dados se baseou em um produto das contingências de reforçamento, no caso a construção e apresentação oral da tríplice contingência de reforçamento (objetivo final do procedimento), que, tendo sido gravada, permitiu o acesso direto aos comportamentos do psicoterapeuta.

Embora as análises de contingências de comportamentos humanos em clínica não proporcionem o mesmo conhecimento que o laboratório pode proporcionar (Banaco, 1993), este trabalho clínico pode ser considerado como demonstrável ao descrever resultados a partir dos procedimentos utilizados em supervisão e o efeito deles sobre o comportamento do psicoterapeuta na sessão de atendimento psicoterapêutico.

Os progressos no presente estudo, demonstrados pelos psicoterapeutas que construíram a tríplice contingência de reforçamento, pode ser uma evidência de como certas contingências específicas devem ser adequadamente planejadas para um ensino mais eficaz.

Como na literatura pertinente ao tema supervisão clínica não existe uma definição de nenhum modelo sistematizado de como o supervisor deve proceder em supervisão, esta pesquisa sugere, com os resultados do Procedimento 3, que este pode ser um primeiro modelo com rigor tecnológico, com comprometimento conceitual e funcional a ser seguido por supervisores nas atividades de supervisão para instalar comportamentos psicoterapêuticos apropriados aos atendimentos que realizam dentro do modelo de Terapia Comportamental.

Cabe esclarecer que o Procedimento 3 (uso de instrução acrescida de autoclíticos e modelo) não é tecnicamente um procedimento de imitação no sentido skinneriano, o qual envolveria a apresentação de um SD que especificaria o comportamento a ser emitido e, se houvesse a ocorrência da resposta atendendo ao critério de reproduzir o modelo, essa resposta seria conseqüenciada positivamente. O Procedimento 3, que foi adotado nesse experimento, envolveu a apresentação única e exclusiva de um antecedente, que foi um modelo acrescido de instruções com autoclíticos sem apresentação de uma conseqüência diferenciada, quer seja na sessão ou na supervisão. A única conseqüência apresentada no início da supervisão após a ocorrência da sessão foi: *“Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante!”*

Diante de tal esclarecimento, o Procedimento 3 utilizado se aproxima do conceito de imitação generalizada. A imitação generalizada foi estudada inicialmente por Baer e Sherman (1964), citado por Bandura (1979), na qual esses autores demonstraram com crianças que se consegue instalar um comportamento imitativo através do manejo da tríplice contingência de

reforçamento sem que haja uma consequência explícita para a imitação, desde que essas crianças tenham uma aquisição da classe geral de comportamentos imitativos, ou seja, já tenham a construção de um repertório de classe de imitação. A isso, Baer e Sherman (1964) denominaram de imitação generalizada.

No presente estudo, partimos do pressuposto de que os psicoterapeutas já tinham em seu repertório um comportamento imitativo, qual seja: foi fornecido um modelo e já existindo um repertório estabelecido de imitação, então era de se esperar que ocorresse a imitação generalizada a partir do modelo fornecido pela supervisora. O modelo skinneriano propõe um procedimento e observa se ele é necessário e suficiente para ocorrer um comportamento fenotipicamente igual ao modelo apresentado.

Bandura (1979) fez uma análise diferente, com outro referencial teórico e sem manejo da tríplice contingência de reforçamento, e nomeou seu procedimento de “imitação vicariante” ou “imitação observacional” ou “modelação observacional”. Um procedimento típico das pesquisas de Bandura (1979, p. 75) sobre imitação vicariante consistiu na apresentação de um vídeo no qual crianças assistiram a um modelo que emitia comportamentos agressivos e era conseqüenciado com três diferentes conseqüências: na situação “A”, havia reforço positivo, na situação “B”, havia punição; e na situação “C”, ausência de conseqüência.

O que Bandura (1979, p. 75) concluiu foi: “O teste de desempenho de imitação realizado após a exposição revelou que as contingências de reforço aplicadas às respostas do modelo resultaram em diferentes graus de comportamento de emparelhamento. Comparadas com sujeitos da condição do modelo punido, as crianças do grupo do modelo recompensado e as do grupo em que o modelo não sofreu conseqüência alguma desempenharam espontaneamente uma variedade significativamente maior de respostas imitativas. Além disso, os meninos reproduziram quantidade maior do repertório do modelo do que as meninas, aparecendo essa diferença de modo particularmente marcante no tratamento do modelo punido.”

Sendo assim, Bandura (1979) observou que, quando a criança é exposta a modelos, ela pode imitar ou não uma resposta observada sem a existência de uma conseqüência diferenciada para esse comportamento imitativo, supondo, assim, que o processo de imitação vicariante tem uma natureza que não é compatível com os pressupostos da Análise do Comportamento, ou seja, Bandura (1979) supõe existir um mecanismo psicológico (um potencial para imitar), que seria o responsável pelo desempenho de imitação vicariante. O

modelo de Bandura é dualista e foca no efeito do procedimento, na imitação vicariante ou modelação.

O uso que Skinner (1999, p. 68) faz do termo modelação (*modeling*) não é o mesmo usado por Bandura. Dentro do modelo operante *modeling*/modelação é procedimento, conforme Catania (1999) modelação é a apresentação do comportamento a ser imitado. Sobre modelação Catania (1999, p. 239-240), acrescentou: “Uma vez que a modelação de uma nova resposta só pode produzir um comportamento novo se a criança apresentar imitação generalizada, ela consiste em uma suplementação efetiva para a modelagem.” E, para Bandura (1979) modelação é comportamento emitido sob controle do procedimento de observação de modelos.

Portanto, embora sejam claros os dados de Bandura (1979), eles não contemplam o controle das variáveis que controlam o comportamento. E, nesse caso, uma variável seria identificar se as crianças tinham um repertório imitativo, e a outra variável seria identificar se as crianças tinham uma história de contingências de reforçamento de seguir modelos e serem conseqüenciadas positivamente por isso. Para a Análise do Comportamento não skinneriana, não existe uma predisposição para uma imitação vicariante alheia às conseqüências diferenciadas.

No presente estudo, o que ocorreu foi a apresentação de um modelo para sujeitos que têm o repertório de imitação generalizada e, por ter esse repertório, são sensíveis à apresentação do modelo, não se tratando de um processo de modelação, mas de imitação com autoclíticos, evocando a imitação do modelo dado pela supervisora.

Finalmente, podemos afirmar que também não se trata de um procedimento de modelagem, pois tal procedimento envolve a manipulação sistemática das conseqüências do comportamento, sendo apresentadas de forma diferencial na medida em que o comportamento avança na direção do comportamento final desejado. Então, consideramos que modelagem é um procedimento no qual não há controle pelo antecedente, mas sim um controle pela conseqüência apresentada diferencialmente e contingente a aproximações sucessivas ao desempenho final.

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A.; Micheletto, N. & Sérgio, T. M. A. P. (2001) *Análise funcional na análise do comportamento*. In: Guilhardi, H. J.; Madi, M. B. B. P.; Queiroz, P. P. e Scoz, M. C. (org). *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade*. ESETec: Santo André, Editores Associados, 2001, pp. 148-157.
- Banaco, R. A. (1993). *O Impacto do atendimento sobre a pessoa do terapeuta*. Temas em Psicologia; vol. 1, nº 2. Ribeirão Preto, SP.
- Banaco, R. A. (1999). *Técnicas cognitivo-comportamentais e análise funcional*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; vol. 1, nº 2, pp. 135-142.
- Bandura, A. (1979). *Modificação de Comportamento*. 1ª ed. em português é tradução e adaptação da 1ª ed. original *Principles of Behavior Modification* by Albert Bandura Copyright 1969 by Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (1994). *Research methods in clinical and counseling psychology*. Chichester: Wiley & Sons.
- Bitondi, F. R; Setem, J (2007). *A importância das habilidades terapêuticas e da supervisão clínica: uma revisão de conceitos*. Revista Uniara, nº. 20, pp. 203-212.
- Borloti, E. (2004). *As relações verbais elementares e o processo autoclítico*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; Vol. 6, nº 2 pp. 221-236.
- Campos, L. F. L. (1998). *Supervisão em terapia cognitivo comportamental*. In: Rangé B. (Org.). (1998). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva – Pesquisa, Prática, Aplicações e Problemas*. 2ªed. Editorial Psy II, pp. 357- 364.
- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed Editora. Publicação Original 1998.
- de Rose, J. C. (1997). *O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: Contribuições conceituais e experimentais*. In: Banaco, R. A. (Org.). (1997). *Sobre Comportamento e Cognição*. 1ª ed. São Paulo: Arbytes, vol. 1, pp. 148-166.
- Decreto n 117, de 23 de junho de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – CAPES. Recuperado de [HTTP://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_mestrado_profissional1.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_mestrado_profissional1.pdf)
- Delitti, M. (2001). *Análise funcional: O comportamento do cliente como foco da análise funcional*. Em M. Delitti (Org.) *Sobre comportamento e cognição: vol. 2. A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 35-44). Santo André, SP: ESETec.
- Ferreira, L. H. S. (2003). *Supervisão Clínica: um enfoque no comportamento do terapeuta*. In: Brandão, M.Z da S., Conte, F. C. De S., Brandão, F. S., Ingberman, Y. K., Moura, C. B. De, Silva, V. M. Da, & Oliane, S. M. (Orgs.) (2003). *Sobre o Comportamento e Cognição: A História e os Avanços, a Seleção por Consequências em Ação*. 1 ed. Santo André: ESETec, vol. 11. p. 258.

- Guilhardi, H. J. & Queiroz, P.B.P.S (2001). *A análise funcional no contexto terapêutico: o comportamento do terapeuta como foco de análise*. In: M. Delitti (Org.). (2001) Sobre Comportamento e Cognição – A Prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental. 1ª ed. São Paulo: Arbytes, vol. 2, pp. 43-93.
- Guilhardi, H. J. (2004). *Terapia por contingências de reforçamento*. In: N. Abreu (Org.) Terapia Comportamental e Cognitivo Comportamental – Práticas Clínicas. 1ª ed. São Paulo: Roca, pp. 3-40.
- Ireno, E. M & Meyer, S. B (2009). *Formação de terapeutas analítico-comportamentais: efeitos de um instrumento para avaliação de desempenho* – Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, versão impressa ISSN 1517-5545, vol.11 nº 2 – São Paulo – Dez/2009.
- Matos M. A.(1999). *Análise funcional do comportamento*. Revista Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, vol. 16, nº 3, p. 8-18, setembro/dezembro.
- Moreira, S. B. S. (2003). *Descrição de algumas variáveis em um procedimento de supervisão de terapia analítica do comportamento*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, nº 16 (01), pp. 157-170.
- Sidman, M (1960). *Tactics of scientific research*. New York: Basic Books [82].
- Skinner, B. F (1947/1999). 1999). *Current trends in experimental psychology*. Em B. F. Skinner. Cumulative record (definitive edition, pp. 341-359). Acton, MA: Copley Publishing Group.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e comportamento humano* [Science and human behavior]. Trad. por J. C. Todorov e R. Azzi; 11ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *Comportamento Verbal* [Verbal Behavior]. Trad. por Maria da Penha Villalobos - New Jersey – USA by Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974/1999). *Sobre o behaviorismo*. Trad. por Maria da Penha Villalobos; 11ª. Ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- Skinner, B. F. (1991); Neri, A. L. *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Papirus (original publicado em 1989).
- Thurber, S. L. (2005). *The effects of direct supervision on therapist behavior: an initial functional analysis*. Tese de Doutorado. Brigham Young University.
- Zamignani, D. R. e Banaco, R. A. (2017). *A Relação terapêutica no contexto da clínica: Um enfoque analítico-comportamental*. SISTEMA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA A DISTÂNCIA (Secad). PROGRAMA DE ATUALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE (PROPSICO). Artmed & Sociedade Brasileira de Psicologia (no prelo).

Apêndice A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa a qual você está sendo convidado a participar, intitulada **Eficácia de Procedimentos de Supervisão na Construção da Tríplice Contingência de Reforçamento**, está sob responsabilidade da psicóloga Tatiana Lance Duarte, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada na Associação Paradigma: Centro de Ciência e Tecnologia do Comportamento, sob co-orientação do Prof. e Me. Hélio José Guilhardi e orientação do Prof. e Dr. Roberto Alves Banaco. Todos os dados da pesquisa serão coletados dentro do ITCR-Campinas, sendo tratados com a máxima confidencialidade pela pesquisadora. Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, não havendo nenhuma remuneração por ela. Se você aceitar participar, você poderá abandoná-la a qualquer momento e solicitar que se retire dela qualquer contribuição que já tenha prestado. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir com a melhora na qualidade do uso de procedimentos em supervisões, formando terapeutas habilitados para construir a tríplice contingência de reforçamento, melhorando diretamente a qualidade de análises e intervenções do terapeuta em sessão e, conseqüentemente, trazer benefícios para o processo psicoterapêutico da cliente. Em caso de você concordar em participar, deverá assinar e datar este Termo de Consentimento, do qual uma cópia será fornecida a você. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecimentos com a psicóloga Tatiana Lance Duarte (CRP 06/64105) pelo *email* tatiana_lance@yahoo.com.br.

Eu, _____, RG _____, declaro ter sido informado e compreendido a natureza e objetivo da pesquisa e, livremente concordo em participar. Declaro ainda, ser maior de 18 anos.

Assinatura do participante _____ Data: ____/____/____.

Assinatura da pesquisadora _____ Data: ____/____/____.

Mestranda: Tatiana Lance Duarte, CRP 06/6415.

Apêndice B - Avaliação para Verificação dos Conceitos

Após assistir ao DVD da aula teórica com conceitos básicos da Análise do Comportamento, responda as questões abaixo:

1. Explique o que é Queixa.
2. Explique o que é Dificuldade Comportamental.
3. Explique o que é Episódio Comportamental.
4. Quais os três termos que compõem a Tríplice Contingência de Reforçamento?
5. Defina cada um dos três termos que compõem a Tríplice Contingência de Reforçamento.
6. Exemplifique com um desenho a construção de uma Tríplice Contingência de Reforçamento.

Apêndice C - Gabarito para Verificação dos Conceitos

Após assistir ao DVD da aula teórica com conceitos básicos da Análise do Comportamento, responda as questões abaixo:

1. Explique o que é Queixa.

Queixa é o que o cliente fala ou apresenta de maneira espontânea, com uma linguagem livre e sem terminologia técnica sobre seus problemas.

2. Explique o que é Dificuldade Comportamental.

Dificuldades Comportamentais são os temas ou as áreas de dificuldades apresentadas pelo cliente sobre seus problemas.

3. Explique o que é Episódio Comportamental.

Episódio Comportamental é a concretização da dificuldade do cliente e que ilustra a queixa do cliente. É transformar a queixa em episódios comportamentais. É um afunilamento da dificuldade comportamental.

4. Quais os três termos que compõem a Tríplice Contingência de Reforçamento?

Antecedente - Resposta - Consequência

5. Defina cada um dos três termos que compõem a Tríplice Contingência de Reforçamento.

Antecedente é o que ocorre antes da resposta e que está relacionada com a resposta. É a condição que evoca uma resposta.

Resposta é uma ação (fazer coisas); envolvimento com uma atividade.

Consequência é o que se produz pela resposta.

6. Exemplifique com um desenho a construção de uma Tríplice de Contingência de Reforçamento.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
-------------	----------	--------------

Apêndice D - Identificação da Cliente 1

Gisela (47 anos), professora de inglês particular e estudante de Psicologia. Estava casada com Alessandro há 12 anos. O marido (45 anos), trabalhava como servidor público. O casal tinha um filho chamado Matheus (12 anos)

Queixas da Cliente 1:

1. Problemas no Casamento;
2. Problemas no Relacionamento com a Mãe.

Apêndice E - Identificação da Cliente 2

Adriana (50 anos), dona-de-casa, era divorciada há 8 anos e morava com a filha Catarina (14 anos). O casamento com o ex-marido foi mantido por 13 anos. No passado, trabalhou como Gerente Financeira.

Queixas da Cliente 2:

1. Solidão Afetiva;
2. Problemas no Relacionamento com a Mãe.

Apêndice F - Roteiro da Supervisora para a Atendimento Livre

1ª SUPERVISÃO: Siga comigo a leitura do roteiro das instruções

INSTRUÇÃO 1 – Nesta folha está a identificação de sua cliente. A cliente sabe que você recebeu essas informações. Use essa folha para fazer suas anotações. Acompanhe comigo a leitura da identificação e das duas queixas da cliente.

INSTRUÇÃO 2 - Inicie a sessão dizendo seu nome. Depois, pergunte diretamente para sua cliente o que a fez procurar terapia.

INSTRUÇÃO 3 - Deixe-a falar espontaneamente e faça perguntas que considerar necessárias para obter o máximo de informações sobre o que ela está verbalizando. Não introduza novos temas.

INSTRUÇÃO 4 - Não se preocupe com a duração da sessão. Use o tempo que achar necessário.

INSTRUÇÃO 5 – Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.

Consideração final:

Após esse atendimento, você deve fazer a transcrição literal dessa sessão. Use essa transcrição como fonte de informações para seu próximo atendimento.

Apêndice G – Roteiro da Supervisora para o Procedimento 1

1ª PARTE - FEEDBACK DA SUPERVISORA PARA A (O) TERAPEUTA

“Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante!”

2ª PARTE - PROCEDIMENTO 1 – USO DE INSTRUÇÃO (VERBAL E TEXTUAL)

“Continuando sua supervisão, siga comigo a leitura das instruções.”

ROTEIRO USADO PELA SUPERVISORA

INSTRUÇÃO 1 – Inicie a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.

INSTRUÇÃO 2 – Em seguida, repita para sua cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que ela relatou na primeira sessão.

INSTRUÇÃO 3 – Em seguida, diga para sua cliente com qual das duas queixas que você irá começar o tratamento.

INSTRUÇÃO 4 – Em seguida, peça para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustre a queixa que você escolheu para iniciar o tratamento.

INSTRUÇÃO 5 – Em seguida, quando a cliente acabar de relatar o exemplo, identifique se o exemplo tem os três componentes essenciais para iniciar a análise da queixa. Os componentes essenciais que devem estar no exemplo são: antecedente, resposta e consequência. Preste atenção: focalize a resposta emitida pela cliente, o antecedente da resposta da cliente e a consequência da resposta da cliente.

INSTRUÇÃO 6 - Em seguida, se necessário, faça perguntas para a cliente, de tal maneira que fique claro para você quais são os três componentes.

INSTRUÇÃO 7 – Em seguida, faça no papel um quadro com três colunas, mostrando o que está fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreva antecedente, no alto da segunda coluna escreva resposta e no alto da terceira coluna escreva consequência.

INSTRUÇÃO 8 - Em seguida, preencha a coluna do meio com uma das respostas tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência uma das respostas da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente

acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 9 - Em seguida, preencha a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta por você escolhida tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 10 - Em seguida, preencha a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta por você escolhida tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 11 – Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, diga que juntos vocês construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento. Diga que a Tríplice Contingência de Reforçamento é composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.

INSTRUÇÃO 12 – Em seguida, diga que na próxima sessão você vai explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederemos para ajudar sua cliente.

INSTRUÇÃO 13 – Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.

Consideração final:

Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.

Apêndice H – Roteiro da Supervisora para o Procedimento 2

1ª PARTE - FEEDBACK DA SUPERVISORA PARA A (O) TERAPEUTA

“Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante!”

2ª PARTE - PROCEDIMENTO 2 – USO DE INSTRUÇÃO (VERBAL E TEXTUAL) COM AUTOCLÍTICO (VERBAL)

“Continuando sua supervisão:”

- Você irá notar que no seu roteiro de instruções existem palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito;
- As palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito nas instruções são as mais importantes;
- Quando eu terminar a leitura das instruções, vou pedir para você verbalizar para mim apenas as palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito;

“Siga comigo a leitura das instruções:”

INSTRUÇÃO 1 – **INICIE** a sessão **FAZENDO** algum **COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO** para a cliente.

INSTRUÇÃO 2 – **EM SEGUIDA, REPITA** para sua cliente, **COM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS** as **DUAS QUEIXAS** que ela relatou na primeira sessão.

INSTRUÇÃO 3 – **EM SEGUIDA, DIGA PARA SUA CLIENTE COM QUAL DAS QUEIXAS VOCÊ IRÁ COMEÇAR** o tratamento.

INSTRUÇÃO 4 – **EM SEGUIDA, PEÇA** para a cliente dar **UM EXEMPLO** que tenha ocorrido **QUE ILUSTRE A QUEIXA** que você escolheu para iniciar o tratamento.

INSTRUÇÃO 5 – **EM SEGUIDA,** quando a cliente acabar de relatar o exemplo, **IDENTIFIQUE SE NO EXEMPLO TEM OS TRÊS COMPONENTES ESSENCIAIS PARA INICIAR A ANÁLISE DA QUEIXA. OS COMPONENTES** essenciais **QUE DEVEM ESTAR NO EXEMPLO** são: **ANTECEDENTE, RESPOSTA** e **CONSEQUÊNCIA. PRESTE ATENÇÃO: FOCALIZE A RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE, O ANTECEDENTE DA RESPOSTA DA CLIENTE E A CONSEQUÊNCIA DA RESPOSTA DA CLIENTE.**

INSTRUÇÃO 6 – EM SEGUIDA, SE NECESSÁRIO, FAÇA PERGUNTAS PARA A CLIENTE, de tal maneira QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ QUAIS SÃO OS TRÊS COMPONENTES.

INSTRUÇÃO 7 – EM SEGUIDA, FAÇA NO PAPEL UM QUADRO COM TRÊS COLUNAS, MOSTRANDO o que está fazendo PARA CLIENTE. No alto da PRIMEIRA COLUNA ESCREVA ANTECEDENTE, no alto da SEGUNDA COLUNA ESCREVA RESPOSTA e no alto da TERCEIRA COLUNA ESCREVA CONSEQUÊNCIA.

INSTRUÇÃO 8 – EM SEGUIDA, PREENCHA A COLUNA DO MEIO COM UMA DAS RESPOSTAS tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA UMA DAS RESPOSTAS DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE acompanhar sua redação. NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 9 – EM SEGUIDA, PREENCHA A PRIMEIRA COLUNA COM O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE acompanhar sua redação. NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 10 – EM SEGUIDA, PREENCHA A TERCEIRA COLUNA COM A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE, acompanhar sua redação. NO FINAL, PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 11 – EM SEGUIDA, APÓS O PREENCHIMENTO DAS COLUNAS com todas as informações, DIGA que juntos VOCÊS CONSTRUÍRAM A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO. DIGA QUE A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO É COMPOSTA PELA RESPOSTA, PELO ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA E PELA CONSEQUÊNCIA QUE A RESPOSTA PRODUZIU.

INSTRUÇÃO 12 – EM SEGUIDA, DIGA QUE NA PRÓXIMA SESSÃO VOCE VAI EXPLICAR COMO ESSES TRÊS COMPONENTES DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO INTERAGEM entre si PARA EXPLICAR O QUE ACONTECE NA QUEIXA E COMO PROCEDEREMOS PARA AJUDAR SUA CLIENTE.

INSTRUÇÃO 13 – FAÇA O ENCERRAMENTO DA SESSÃO com sua cliente QUANDO CONSIDERAR QUE CHEGOU AO FIM. DIGA QUE SER VERÃO NA PRÓXIMA SESSÃO.

Consideração final:

Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.

Apêndice I – Roteiro da Supervisora para o Procedimento 3

1ª PARTE - FEEDBACK DA SUPERVISORA PARA A (O) TERAPEUTA

“Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante!”

2ª PARTE - PROCEDIMENTO 3 – USO DE INSTRUÇÃO (VERBAL E TEXTUAL) COM AUTOCLÍTICO (VERBAL) E MODELO

“Continuando sua supervisão:”

- Você irá notar que no seu roteiro de instruções existem palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito;
- As palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito nas instruções são as mais importantes;
- Quando eu terminar a leitura das instruções, vou pedir para você verbalizar para mim apenas as palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito;
- Para quase todas as instruções fornecidas por mim, darei um modelo de como executar a instrução. Para a confecção dos modelos que irei oferecer, usarei queixa e nome fictícios. Depois, pedirei para você fazer igual a mim. Use as informações do atendimento com a sua cliente.

“Siga comigo a leitura das instruções:”

O nome fictício da cliente será **FLÁVIA**. A **QUEIXA SIMULADA** será a **TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE** de Flávia e a **DIFICULDADE NA RELAÇÃO PROFISSIONAL** entre Flávia e o Chefe.

INSTRUÇÃO 1 - **ANTES DE INICIAR A SESSÃO**, faça **ALGUM COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO** para a cliente e ouça as primeiras verbalizações.

MODELO 1 - DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, COMO FOI SUA SEMANA?”** ou **“FLÁVIA, COMO VOCÊ PASSOU ESSES DIAS?”** **NA INTERAÇÃO COM SUA CLIENTE, MOVIMENTE A CABEÇA DE MODO AFIRMATIVO E DIGA POR EXEMPLO: “ENTENDI, FLÁVIA.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 2 – No início da sessão, **VERBALIZE** para sua cliente **AS QUEIXAS** que ela relatou na primeira sessão.

MODELO 2 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, NA ÚLTIMA SESSÃO VOCÊ ME APRESENTOU DUAS QUEIXAS. UMA, FOI SUA TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE E A OUTRA, FOI SUA DIFICULDADE NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 3 – Na sessão, **ESCOLHA, UMA DAS QUEIXAS** verbalizadas pela cliente e **DIGA QUE IRÁ COMEÇAR A TRABALHAR POR ELA.**

MODELO 3 - DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, VAMOS INCIAR NOSSO TRABALHO PELA DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM NA RELAÇÃO COM O SEU CHEFE.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 4 - Na sessão, **PEÇA** para a cliente dar um **EXEMPLO QUE ILUSTRE** o que ela quer dizer com **A QUEIXA** que você escolheu para iniciar o trabalho.

MODELO 4 - DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ME CONTE UMA INTERAÇÃO** ou **UM EXEMPLO QUE OCORREU ENTRE VOCÊ E SEU CHEFE QUE REVELA AS SUAS DIFICULDADES NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”**

FLÁVIA diria: **“Ontem mesmo ocorreu a situação do email. Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 5 – Na sessão, quando a cliente relatar o exemplo, **VERBALIZE** que **O EXEMPLO É ÓTIMO E QUE IRÁ COMEÇAR POR ELE.**

MODELO 5.1 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ RELATOU SOBRE O EPISÓDIO DO EMAIL ESTÁ ÓTIMO. VAMOS COMEÇAR POR ELE.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

OBS: SE O EXEMPLO DADO NÃO FOR BOM, PEÇA OUTRO EXEMPLO. QUANDO A CLIENTE TERMINAR O NOVO EXEMPLO, FAÇA UMA PAUSA E SE PRECISAR USE UM GESTO COM AS MÃOS PARA ENFATIZAR SUA PAUSA.

MODELO 5.2 : DIGA POR EXEMPLO: “FLÁVIA, VOCÊ PODE ME DAR OUTRO EXEMPLO QUE DESCREVA MELHOR A DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM COM SEU CHEFE? FALE COM CALMA, POR FAVOR. (use gestos com suas mãos) ESSE SEGUNDO EXEMPLO ESTÁ ÓTIMO! VAMOS COMEÇAR POR ELE. NÃO HÁ NECESSIDADE DE MAIS EXEMPLOS, EU JÁ ENTENDI VOCÊ.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 6 – Na sessão, INICIE A DIVISÃO DO EXEMPLO DADO EM TRÊS TERMOS PARA A CLIENTE ENTENDER O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO. Para isso, APROXIME-SE DE SUA CLIENTE COM A PRANCHETA NAS MÃOS, DE MODO QUE ELA CONSIGA ENXERGAR O QUE VOCÊ IRÁ FAZER, e DESENHE no papel um QUADRO COM 03 COLUNAS. MOSTRE PARA A CLIENTE O QUE VOCÊ ESTÁ DESENHANDO. LEIA PARA ELA O QUE VOCÊ ESTÁ ESCRREVENDO NAS COLUNAS.

MODELO 6 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, VOU DIVIDIR ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ ME DEU DE MODO QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO. ENTÃO FLÁVIA:

- **PRIMEIRO, VOU ME APROXIMAR DE VOCÊ COM A PRANCHETA PARA QUE VOCÊ POSSA ACOMPANHAR COMIGO O QUE IREI DESENHAR E ESCRREVER.**
- **SEGUNDO, VOU DESENHAR UM QUADRO COM 03 COLUNAS. VOU ESCRREVER OS NOMES NESSAS COLUNAS: RESPOSTA, QUE É A COLUNA DO MEIO, ANTECEDENTE QUE É A PRIMEIRA COLUNA E CONSEQUÊNCIA QUE É A TERCEIRA COLUNA. VEJA:**

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA

- **TERCEIRO, LOGO MAIS VOU PREENCHER ESSAS COLUNAS COM AS INFORMAÇÕES DESSE EXEMPLO. ANTES, VOU COMPREENDER MELHOR O EXEMPLO QUE VOCÊ ME RELATOU.**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 7 – VERBALIZE O EXEMPLO que sua cliente relatou. **A PARTIR DELE, IDENTIFIQUE SE A CLIENTE INICIOU O RELATO DESCRREVENDO A RESPOSTA EMITIDA** ou **SE ELA INICIOU VERBALIZANDO O ANTECEDENTE DESSA RESPOSTA** ou **SE ELA INICIOU VERBALIZANDO A CONSEQUÊNCIA DESSA RESPOSTA**. Após fazer essa identificação, **VOCÊ DEVE REPETIR PARA A CLIENTE O TERMO IDENTIFICADO** e **PERGUNTAR SE A CLIENTE CONCORDA COM ESSA IDENTIFICAÇÃO.**

MODELO 7 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, VOCÊ ME CONTOU SOBRE O EPISÓDIO DO EMAIL E ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA E QUE BRIGOU COM VOCÊ. A BRONCA DO SEU CHEFE E A BRIGA QUE ELE TEVE COM VOCÊ SÃO CONSEQUÊNCIAS PRODUZIDAS POR UMA DETERMINADA AÇÃO QUE VOCÊ TEVE. VOCÊ CONCORDA COMIGO? FOI ISSO MESMO?”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 8 – APÓS IDENTIFICAR QUALQUER UM DOS TERMOS, RESPOSTA OU ANTECEDENTE OU CONSEQUÊNCIA, VOCÊ DEVE FAZER NOVAS PERGUNTAS PARA IDENTIFICAR OS OUTROS DOIS TERMOS QUE AINDA FALTAM. PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDOU COM TUDO QUE VOCÊ NARROU SOBRE O QUE ELA DISSE.

MODELO 8.1 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, NO SEU EXEMPLO, A BRONCA DO SEU CHEFE É A CONSEQUÊNCIA DE UMA AÇÃO SUA. CONCORDA COMIGO? AGORA FLÁVIA, ME DIGA O QUE VOCÊ FEZ PARA PRODUZIR ESSA BRONCA?”

FLÁVIA, diria: “Foi assim, ele me deu essa bronca por eu ter esquecido de enviar o *email*.”

MODELO 8.2 - DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, AGORA ME DIGA O QUE ACONTECEU ANTES DE VOCÊ EMITIR ESSA RESPOSTA DE TER ESQUECIDO DE ENVIAR O EMAIL?”

FLÁVIA, diria: “Meu chefe, logo de manhã, me pediu para eu redigir um *email* e enviar até o horário do almoço para o Gerente Geral. Eu redigi, mas eu me esqueci de enviar. Dáí levei a maior bronca.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 9 – APÓS A IDENTIFICAÇÃO DOS TRÊS TERMOS, VOCÊ DEVE PREENCHER o quadro com as três colunas. O PREENCHIMENTO DO QUADRO DEVE SER FEITO PELO TERAPEUTA. O TERAPEUTA É RESPONSÁVEL POR COLETAR AS INFORMAÇÕES DO CLIENTE. INICIE O PREENCHIMENTO DO QUADRO PELA COLUNA DA RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE. VERBALIZE ISSO PARA ELA.

MODELO 9 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, ACOMPANHE COMIGO. VAMOS INICIAR O PREENCHIMENTO DESSE QUADRO PELA COLUNA DO MEIO QUE É A COLUNA DA RESPOSTA. COLOCAREI AQUI A SUA RESPOSTA. VOCÊ ME DISSE QUE REDIGIU O *EMAIL* MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA COLUNA DO MEIO VOU ESCREVER ASSIM: FLÁVIA REDIGIU O *EMAIL* MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR.”

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 10 – Depois de ter preenchido a coluna da resposta, PREENCHA NO QUADRO A COLUNA DO ANTECEDENTE. VERBALIZE ISSO PARA CLIENTE. INVESTIGUE COM UMA PERGUNTA O QUE ACONTECEU ANTES DE SUA CLIENTE EMITIR A RESPOSTA DADA.

MODELO 10.1 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, CONTINUE ACOMPANHANDO COMIGO. AGORA VAMOS PREENCHER A PRIMEIRA COLUNA CHAMADA ANTECEDENTE. NESSA COLUNA, COLOCAREI O QUE ACONTECEU ANTES DESSA RESPOSTA EMITIDA POR VOCÊ. ENTÃO,

FLÁVIA, ME DIGA O QUE ACONTECEU ANTES DE VOCÊ TER REDIGIDO ESSE EMAIL?”

FLÁVIA diria: “Meu chefe me pediu para eu redigir um *email* e enviá-lo até o horário do almoço para o Gerente Geral da empresa.”

MODELO 10.2 – DIGA, POR EXEMPLO: **VOCÊ ME DISSE QUE SEU CHEFE PEDIU PARA VOCÊ REDIGIR E ENVIAR O EMAIL ANTES DO HORÁRIO DO ALMOÇO. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA PRIMEIRA COLUNA VOU ESCREVER ASSIM: CHEFE PEDE PARA FLÁVIA REDIGIR E ENVIAR EMAIL PARA GERENTE GERAL ANTES DO HORÁRIO DO ALMOÇO.”**

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
Chefe pede para Flávia redigir e enviar <i>email</i> para Gerente Geral antes do horário do almoço.	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 11 – Depois de ter preenchido a coluna da resposta e a coluna do antecedente, **PREENCHA NO QUADRO A COLUNA DA CONSEQUÊNCIA. VERBALIZE ISSO PARA CLIENTE. INVESTIGUE COM UMA PERGUNTA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE SUA CLIENTE EMITIR A RESPOSTA DADA.**

MODELO 11.1 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, CONTINUE ACOMPANHANDO COMIGO. AGORA VAMOS PREENCHER A TERCEIRA COLUNA CHAMADA CONSEQUÊNCIA. NESSA COLUNA, COLOCAREI O QUE ACONTECEU DEPOIS DESSA RESPOSTA EMITIDA POR VOCÊ. ENTÃO, FLÁVIA, ME DIGA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE VOCÊ TER REDIGIDO ESSE EMAIL?”**

FLÁVIA diria: “Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”

MODELO 11.2 – DIGA, POR EXEMPLO: **VOCÊ ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA, BRIGOU COM VOCÊ. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA**

INFORMAÇÃO. NA TERCEIRA COLUNA VOU ESCREVER ASSIM: CHEFE DEU UMA BRONCA, BRICOU COM FLÁVIA.”

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
Chefe pede para Flávia redigir e enviar <i>email</i> para Gerente Geral antes do horário do almoço.	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	Chefe deu uma bronca, brigou com Flávia.

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 12 – **APÓS A CONSTRUÇÃO DO QUADRO**, LEVE SUA **CLIENTE A COMPREENDER QUE AS INFORMAÇÕES PRESENTES NELE COMPÕE O PARADIGMA DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORCAMENTO. ESSE PARADIGMA EXPLICA COMO SE ESTABELECE A INTERAÇÃO DA SUA CLIENTE COM A PESSOA ENVOLVIDA.**

MODELO 12 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ESSE QUADRO PREENCHIDO COM O ANTECEDENTE, COM A RESPOSTA E COM A CONSEQUÊNCIA FORMA UM PARADIGMA QUE EXPLICA COMO SE DÁ A SUA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 13 – **ENCERRE A SESSÃO** e **AVISE A CLIENTE QUE VOCÊ IRÁ ANALISAR O SIGIFICADO DESSE PARADIGMA NA PRÓXIMA SESSÃO.**

MODELO 13 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, POR HOJE ESTÁ MUITO BOM, CONSTRUIMOS JUNTOS ESSE PARADIGMA.** Na próxima sessão, **IREMOS JUNTOS ANALISAR O SIGNIFICADO DELE.**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

Apêndice J – Roteiro do Psicoterapeuta para o Atendimento Livre

INSTRUÇÃO 1 – Nesta folha está a identificação de sua cliente. A cliente sabe que você recebeu essas informações. Use essa folha para fazer suas anotações. Acompanhe comigo a leitura da identificação e das duas queixas da cliente.

INSTRUÇÃO 2 - Inicie a sessão dizendo seu nome. Em seguida, pergunte diretamente para sua cliente o que a fez procurar terapia.

INSTRUÇÃO 3 - Deixe-a falar espontaneamente e faça perguntas que considerar necessárias para obter o máximo de informações sobre o que ela está verbalizando. Não introduza novos temas.

INSTRUÇÃO 4 - Não se preocupe com a duração da sessão. Use o tempo que achar necessário.

INSTRUÇÃO 5 – Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.

Consideração final:

Após esse atendimento, você deve fazer a transcrição literal dessa sessão. Use a transcrição como fonte de informações para seu próximo atendimento.

Apêndice K – Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 1

INSTRUÇÃO 1 – Inicie a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.

INSTRUÇÃO 2 – Em seguida, repita para sua cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que ela relatou na primeira sessão.

INSTRUÇÃO 3 – Em seguida, diga para sua cliente com qual das duas queixas que você irá começar o tratamento.

INSTRUÇÃO 4 – Em seguida, peça para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustre a queixa que você escolheu para iniciar o tratamento.

INSTRUÇÃO 5 – Em seguida, quando a cliente acabar de relatar o exemplo, identifique se o exemplo tem os três componentes essenciais para iniciar a análise da queixa. Os componentes essenciais que devem estar no exemplo são: antecedente, resposta e consequência. Preste atenção: focalize a resposta emitida pela cliente, o antecedente da resposta da cliente e a consequência da resposta da cliente.

INSTRUÇÃO 6 - Em seguida, se necessário, faça perguntas para a cliente, de tal maneira que fique claro para você quais são os três componentes.

INSTRUÇÃO 7 – Em seguida, faça no papel um quadro com três colunas, mostrando o que está fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreva antecedente, no alto da segunda coluna escreva resposta e no alto da terceira coluna escreva consequência.

INSTRUÇÃO 8 - Em seguida, preencha a coluna do meio com uma das respostas tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência uma das respostas da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 9 - Em seguida, preencha a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta por você escolhida tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 10 - Em seguida, preencha a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta por você escolhida tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 11 – Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, diga que juntos vocês construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento. Diga que a Tríplice Contingência de Reforçamento é composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.

INSTRUÇÃO 12 – Em seguida, diga que na próxima sessão você vai explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederemos para ajudar sua cliente.

INSTRUÇÃO 13 – Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.

Consideração final:

Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.

Apêndice L – Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 2

INSTRUÇÃO 1 – **INICIE** a sessão **FAZENDO** algum **COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO** para a cliente.

INSTRUÇÃO 2 – **EM SEGUIDA, REPITA** para sua cliente, **COM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS** as **DUAS QUEIXAS** que ela relatou na primeira sessão.

INSTRUÇÃO 3 – **EM SEGUIDA, DIGA PARA SUA CLIENTE COM QUAL DAS QUEIXAS VOCÊ IRÁ COMECAR** o tratamento.

INSTRUÇÃO 4 – **EM SEGUIDA, PEÇA** para a cliente dar **UM EXEMPLO** que tenha ocorrido **QUE ILUSTRE A QUEIXA** que você escolheu para iniciar o tratamento.

INSTRUÇÃO 5 – **EM SEGUIDA,** quando a cliente acabar de relatar o exemplo, **IDENTIFIQUE SE NO EXEMPLO TEM OS TRÊS COMPONENTES ESSENCIAIS PARA INICIAR A ANÁLISE DA QUEIXA. OS COMPONENTES** essenciais **QUE DEVEM ESTAR NO EXEMPLO** são: **ANTECEDENTE, RESPOSTA** e **CONSEQUÊNCIA. PRESTE ATENÇÃO: FOCALIZE A RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE, O ANTECEDENTE DA RESPOSTA DA CLIENTE E A CONSEQUÊNCIA DA RESPOSTA DA CLIENTE.**

INSTRUÇÃO 6 – **EM SEGUIDA, SE NECESSÁRIO, FAÇA PERGUNTAS PARA A CLIENTE,** de tal maneira **QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ QUAIS SÃO OS TRÊS COMPONENTES.**

INSTRUÇÃO 7 – **EM SEGUIDA, FAÇA NO PAPEL UM QUADRO COM TRÊS COLUNAS, MOSTRANDO** o que está fazendo **PARA CLIENTE.** No alto da **PRIMEIRA COLUNA ESCREVA ANTECEDENTE,** no alto da **SEGUNDA COLUNA ESCREVA RESPOSTA** e no alto da **TERCEIRA COLUNA ESCREVA CONSEQUÊNCIA.**

INSTRUÇÃO 8 – **EM SEGUIDA, PREENCHA A COLUNA DO MEIO COM UMA DAS RESPOSTAS** tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo **DEVE**

SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA UMA DAS RESPOSTAS DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE acompanhar sua redação. **NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA** com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 9 – **EM SEGUIDA, PREENCHA A PRIMEIRA COLUNA COM O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA** tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo **DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE** acompanhar sua redação. **NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA** com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 10 – **EM SEGUIDA, PREENCHA A TERCEIRA COLUNA COM A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA** tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo **DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE**, acompanhar sua redação. **NO FINAL, PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA** com o que você escreveu naquela coluna.

INSTRUÇÃO 11 – **EM SEGUIDA, APÓS O PREENCHIMENTO DAS COLUNAS** com todas as informações, **DIGA** que juntos **VOCÊS CONSTRUÍRAM A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO. DIGA QUE A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO É COMPOSTA PELA RESPOSTA, PELO ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA E PELA CONSEQUÊNCIA QUE A RESPOSTA PRODUZIU.**

INSTRUÇÃO 12 – **EM SEGUIDA, DIGA QUE NA PRÓXIMA SESSÃO VOCE VAI EXPLICAR COMO ESSES TRÊS COMPONENTES DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO INTERAGEM** entre si **PARA EXPLICAR O QUE ACONTECE NA QUEIXA E COMO PROCEDEREMOS PARA AJUDAR SUA CLIENTE.**

INSTRUÇÃO 13 – **FAÇA O ENCERRAMENTO DA SESSÃO** com sua cliente **QUANDO CONSIDERAR QUE CHEGOU AO FIM. DIGA QUE SER VERÃO NA PRÓXIMA SESSÃO.**

Consideração final:

Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.

Apêndice M – Roteiro do Psicoterapeuta para o Procedimento 3

O nome fictício da cliente será FLÁVIA. A QUEIXA SIMULADA será a TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE de Flávia e a DIFICULDADE NA RELAÇÃO PROFISSIONAL entre Flávia e o Chefe.

INSTRUÇÃO 1 - ANTES DE INICIAR A SESSÃO, faça ALGUM COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO para a cliente e ouça as primeiras verbalizações.

MODELO 1 - DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, COMO FOI SUA SEMANA?” ou “FLÁVIA, COMO VOCÊ PASSOU ESSES DIAS?” NA INTERAÇÃO COM SUA CLIENTE, MOVIMENTE A CABEÇA DE MODO AFIRMATIVO E DIGA POR EXEMPLO: “ENTENDI, FLÁVIA.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 2 – No início da sessão, VERBALIZE para sua cliente AS QUEIXAS que ela relatou na primeira sessão.

MODELO 2 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, NA ÚLTIMA SESSÃO VOCÊ ME APRESENTOU DUAS QUEIXAS. UMA, FOI SUA TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE E A OUTRA, FOI SUA DIFICULDADE NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 3 – Na sessão, ESCOLHA, UMA DAS QUEIXAS verbalizadas pela cliente e DIGA QUE IRÁ COMEÇAR A TRABALHAR POR ELA.

MODELO 3 - DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, VAMOS INICIAR NOSSO TRABALHO PELA DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM NA RELAÇÃO COM O SEU CHEFE.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 4 - Na sessão, PEÇA para a cliente dar um EXEMPLO QUE ILUSTRE o que ela quer dizer com A QUEIXA que você escolheu para iniciar o trabalho.

MODELO 4 - DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ME CONTE UMA INTERAÇÃO ou UM EXEMPLO QUE OCORREU ENTRE VOCÊ E SEU CHEFE QUE REVELA AS SUAS DIFICULDADES NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”**

FLÁVIA diria: “Ontem mesmo ocorreu a situação do *email*. Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 5 – Na sessão, quando a cliente relatar o exemplo, **VERBALIZE** que **O EXEMPLO É ÓTIMO E QUE IRÁ COMEÇAR POR ELE.**

MODELO 5.1 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ RELATOU SOBRE O EPISÓDIO DO *EMAIL* ESTÁ ÓTIMO. VAMOS COMEÇAR POR ELE.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

OBS: **SE O EXEMPLO DADO NÃO FOR BOM, PEÇA OUTRO EXEMPLO. QUANDO A CLIENTE TERMINAR O NOVO EXEMPLO, FAÇA UMA PAUSA E SE PRECISAR USE UM GESTO COM AS MÃOS PARA ENFATIZAR SUA PAUSA.**

MODELO 5.2 : DIGA POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, VOCÊ PODE ME DAR OUTRO EXEMPLO QUE DESCREVA MELHOR A DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM COM SEU CHEFE? FALE COM CALMA, POR FAVOR. (use gestos com suas mãos) ESSE SEGUNDO EXEMPLO ESTÁ ÓTIMO! VAMOS COMEÇAR POR ELE. NÃO HÁ NECESSIDADE DE MAIS EXEMPLOS, EU JÁ ENTENDI VOCÊ.”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 6 – Na sessão, **INICIE A DIVISÃO DO EXEMPLO DADO EM TRÊS TERMOS PARA A CLIENTE ENTENDER O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO.** Para isso, **APROXIME-SE DE SUA CLIENTE COM A PRANCHETA NAS MÃOS, DE MODO QUE ELA CONSIGA ENXERGAR O QUE VOCÊ IRÁ FAZER,** e **DESENHE** no papel um **QUADRO COM 03 COLUNAS. MOSTRE PARA A CLIENTE O QUE VOCÊ ESTÁ DESENHANDO. LEIA PARA ELA O QUE VOCÊ ESTÁ ESCRREVENDO NAS COLUNAS.**

MODELO 6 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, VOU DIVIDIR ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ ME DEU DE MODO QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO. ENTÃO FLÁVIA:**

- **PRIMEIRO, VOU ME APROXIMAR DE VOCÊ COM A PRANCHETA PARA QUE VOCÊ POSSA ACOMPANHAR COMIGO O QUE IREI DESENHAR E ESCREVER.**

- **SEGUNDO, VOU DESENHAR UM QUADRO COM 03 COLUNAS. VOU ESCREVER OS NOMES NESSAS COLUNAS: RESPOSTA, QUE É A COLUNA DO MEIO, ANTECEDENTE QUE É A PRIMEIRA COLUNA E CONSEQUÊNCIA QUE É A TERCEIRA COLUNA. VEJA:**

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA

- **TERCEIRO, LOGO MAIS VOU PREENCHER ESSAS COLUNAS COM AS INFORMAÇÕES DESSE EXEMPLO. ANTES, VOU COMPREENDER MELHOR O EXEMPLO QUE VOCÊ ME RELATOU.**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 7 – **VERBALIZE O EXEMPLO** que sua cliente relatou. **A PARTIR DELE, IDENTIFIQUE SE A CLIENTE INICIOU O RELATO DESCRIVENDO A RESPOSTA EMITIDA** ou **SE ELA INICIOU VERBALIZANDO O ANTECEDENTE DESSA RESPOSTA** ou **SE ELA INICIOU VERBALIZANDO A CONSEQUÊNCIA DESSA RESPOSTA**. Após fazer essa identificação, **VOCÊ DEVE REPETIR PARA A CLIENTE O TERMO IDENTIFICADO** e **PERGUNTAR SE A CLIENTE CONCORDA COM ESSA IDENTIFICAÇÃO.**

MODELO 7 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, VOCÊ ME CONTOU SOBRE O EPISÓDIO DO EMAIL E ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA E QUE BRIGOU COM VOCÊ. A BRONCA DO SEU CHEFE E A BRIGA QUE ELE TEVE COM VOCÊ SÃO CONSEQUÊNCIAS PRODUZIDAS POR UMA DETERMINADA AÇÃO QUE VOCÊ TEVE. VOCÊ CONCORDA COMIGO? FOI ISSO MESMO?”**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 8 – APÓS IDENTIFICAR QUALQUER UM DOS TERMOS, RESPOSTA OU ANTECEDENTE OU CONSEQUÊNCIA, VOCÊ DEVE FAZER NOVAS PERGUNTAS PARA IDENTIFICAR OS OUTROS DOIS TERMOS QUE AINDA FALTAM. PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDOU COM TUDO QUE VOCÊ NARROU SOBRE O QUE ELA DISSE.

MODELO 8.1 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, NO SEU EXEMPLO, A BRONCA DO SEU CHEFE É A CONSEQUÊNCIA DE UMA AÇÃO SUA. CONCORDA COMIGO? AGORA FLÁVIA, ME DIGA O QUE VOCÊ FEZ PARA PRODUZIR ESSA BRONCA?”

FLÁVIA, diria: “Foi assim, ele me deu essa bronca por eu ter esquecido de enviar o *email*.”

MODELO 8.2 - DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, AGORA ME DIGA O QUE ACONTECEU ANTES DE VOCÊ EMITIR ESSA RESPOSTA DE TER ESQUECIDO DE ENVIAR O EMAIL? ”

FLÁVIA, diria: “Meu chefe, logo de manhã, me pediu para eu redigir um *email* e enviar até o horário do almoço para o Gerente Geral. Eu redigi, mas eu me esqueci de enviar. Dáí levei a maior bronca.”

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 9 – APÓS A IDENTIFICAÇÃO DOS TRÊS TERMOS, VOCÊ DEVE PREENCHER o quadro com as três colunas. O PREENCHIMENTO DO QUADRO DEVE SER FEITO PELO TERAPEUTA. O TERAPEUTA É RESPONSÁVEL POR COLETAR AS INFORMAÇÕES DO CLIENTE. INICIE O PREENCHIMENTO DO QUADRO PELA COLUNA DA RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE. VERBALIZE ISSO PARA ELA.

MODELO 9 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, ACOMPANHE COMIGO. VAMOS INICIAR O PREENCHIMENTO DESSE QUADRO PELA COLUNA DO MEIO QUE É A COLUNA DA RESPOSTA. COLOCAREI AQUI A SUA RESPOSTA. VOCÊ ME DISSE QUE REDIGIU O EMAIL MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA COLUNA DO MEIO VOU ESCREVER ASSIM: FLÁVIA REDIGIU O EMAIL MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR.”

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.

INSTRUÇÃO 10 – Depois de ter preenchido a coluna da resposta, PREENCHA NO QUADRO A COLUNA DO ANTECEDENTE. VERBALIZE ISSO PARA CLIENTE. INVESTIGUE COM UMA PERGUNTA O QUE ACONTECEU ANTES DE SUA CLIENTE EMITIR A RESPOSTA DADA.

MODELO 10.1 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, CONTINUE ACOMPANHANDO COMIGO. AGORA VAMOS PREENCHER A PRIMEIRA COLUNA CHAMADA ANTECEDENTE. NESSA COLUNA, COLOCAREI O QUE ACONTECEU ANTES DESSA RESPOSTA EMITIDA POR VOCÊ. ENTÃO, FLÁVIA, ME DIGA O QUE ACONTECEU ANTES DE VOCÊ TER REDIGIDO ESSE EMAIL?”

FLÁVIA diria: “Meu chefe me pediu para eu redigir um *email* e enviá-lo até o horário do almoço para o Gerente Geral da empresa.”

MODELO 10.2 – DIGA, POR EXEMPLO: VOCÊ ME DISSE QUE SEU CHEFE PEDIU PARA VOCÊ REDIGIR E ENVIAR O EMAIL ANTES DO HORÁRIO DO ALMOÇO. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA PRIMEIRA COLUNA VOU ESCREVER ASSIM: CHEFE PEDE PARA FLÁVIA REDIGIR E ENVIAR EMAIL PARA GERENTE GERAL ANTES DO HORÁRIO DO ALMOÇO.

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
Chefe pede para Flávia redigir e enviar <i>email</i> para Gerente Geral antes do horário do almoço.	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 11 – Depois de ter preenchido a coluna da resposta e a coluna do antecedente, **PREENCHA NO QUADRO A COLUNA DA CONSEQUÊNCIA. VERBALIZE ISSO PARA CLIENTE. INVESTIGUE COM UMA PERGUNTA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE SUA CLIENTE EMITIR A RESPOSTA DADA.**

MODELO 11.1 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, CONTINUE ACOMPANHANDO COMIGO. AGORA VAMOS PREENCHER A TERCEIRA COLUNA CHAMADA CONSEQUÊNCIA. NESSA COLUNA, COLOCAREI O QUE ACONTECEU DEPOIS DESSA RESPOSTA EMITIDA POR VOCÊ. ENTÃO, FLÁVIA, ME DIGA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE VOCÊ TER REDIGIDO ESSE EMAIL?”**

FLÁVIA diria: “Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”

MODELO 11.2 – DIGA, POR EXEMPLO: **VOCÊ ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA, BRIGOU COM VOCÊ. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA TERCEIRA COLUNA VOU ESCREVER ASSIM: CHEFE DEU UMA BRONCA, BRICOU COM FLÁVIA.”**

ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
Chefe pede para Flávia redigir e enviar <i>email</i> para Gerente Geral antes do horário do almoço.	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	Chefe deu uma bronca, brigou com Flávia.

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 12 – **APÓS A CONSTRUÇÃO DO QUADRO**, LEVE SUA CLIENTE A COMPREENDER QUE AS INFORMAÇÕES PRESENTES NELE **COMPÕE O PARADIGMA DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORCAMENTO. ESSE PARADIGMA EXPLICA COMO SE ESTABELECE A INTERAÇÃO DA SUA CLIENTE COM A PESSOA ENVOLVIDA.**

MODELO 12 – DIGA, POR EXEMPLO: **“FLÁVIA, ESSE QUADRO PREENCHIDO COM O ANTECEDENTE, COM A RESPOSTA E COM A CONSEQUÊNCIA FORMA UM PARADIGMA QUE EXPLICA COMO SE DÁ A SUA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.**

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

INSTRUÇÃO 13 – ENCERRE A SESSÃO e AVISE A CLIENTE QUE VOCÊ IRÁ ANALISAR O SIGIFICADO DESSE PARADIGMA NA PRÓXIMA SESSÃO.

MODELO 13 – DIGA, POR EXEMPLO: “FLÁVIA, POR HOJE ESTÁ MUITO BOM, CONSTRUIMOS JUNTOS ESSE PARADIGMA. Na próxima sessão, IREMOS JUNTOS ANALISAR O SIGNIFICADO DELE.

Terapeuta, AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.

Apêndice N – Roteiro de Instruções para os Juízes

Instruções aos Juízes para o preenchimento da Folha de Registro de Desempenho da Supervisora e da Folha de Registro de Desempenho do Psicoterapeuta:

1. Inicialmente, será enviado ao juiz o vídeo (gravação com imagem e áudio), transcrição da supervisão e da sessão, bem como as folhas de registro de desempenhos do supervisor e do psicoterapeuta. Os vídeos serão enviados sempre em duplas, divididos da seguinte maneira:

Supervisão para Atendimento Livre + Sessão Livre

Supervisão com Procedimento 1 + Sessão com Procedimento 1

Supervisão com Procedimento 2 + Sessão com Procedimento 2

Supervisão com Procedimento 3 + Sessão com Procedimento 3

2. O juiz, no primeiro momento, deve assistir em sequência e inicialmente a supervisão e depois a sessão;

3. O juiz, no segundo momento, deve ter em mãos a transcrição da supervisão e a folha de registro de desempenho da supervisora, para então iniciar a visualização do vídeo (gravação com imagem e áudio) da supervisão, parando a cada verbalização da supervisora para realizar o registro da ocorrência ou não ocorrência dos comportamentos da supervisora contidos na folha de registro. Terminada a avaliação da supervisão, o juiz deve iniciar a avaliação da sessão referente à supervisão assistida e analisada. Para tal, deve ter em mãos a transcrição da sessão e a folha de registro de desempenho do psicoterapeuta, para então iniciar a visualização do vídeo (gravação com imagem e áudio) da sessão, parando a cada verbalização do psicoterapeuta para realizar o registro da ocorrência ou não ocorrência dos comportamentos do psicoterapeuta contidos na folha de registro.

Apêndice O - Folha de Registro dos Juízes de Desempenho da Supervisora

NOME DO JUIZ:	
NOME DA SUPERVISORA:	
SUPERVISÃO PARA ATENDIMENTO LIVRE	
Comportamentos da Supervisora:	Ocorreu / Não Ocorreu
SL.1. Instrução 1: Nesta folha está a identificação de sua cliente. A cliente sabe que você recebeu essas informações. Use essa folha para fazer suas anotações. Acompanhe comigo a leitura da identificação e das duas queixas da cliente.	
SL.2. Instrução 2: Inicie a sessão dizendo seu nome. Depois, pergunte diretamente para sua cliente o que a fez procurar terapia.	
SL.3. Instrução 3: Deixe-a falar espontaneamente e faça perguntas que considerar necessárias para obter o máximo de informações sobre o que ela está verbalizando. Não introduza novos temas.	
SL.4. Instrução 4: Não se preocupe com a duração da sessão. Use o tempo que achar necessário.	
SL.5. Instrução 5: Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.	
SL.6. Instrução 6: Consideração final. Após esse atendimento, você deve fazer a transcrição literal dessa sessão. Use essa transcrição como fonte de informações para seu próximo atendimento.	

NOME DO JUIZ:	
NOME DA SUPERVISORA:	
SUPERVISÃO COM USO DO PROCEDIMENTO 1 (Instrução)	
Comportamentos da Supervisora:	Ocorreu / Não Ocorreu
SP1.1. Feedback: Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sua sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante.	
SP1.2. Continuando sua supervisão, siga comigo a leitura das instruções.	
SP1.3. Instrução 1: Inicie a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.	
SP1.4. Instrução 2: Em seguida, repita para sua cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que ela relatou na primeira sessão.	
SP1.5. Instrução 3: Em seguida, diga para sua cliente com qual das duas queixas que você irá começar o tratamento.	
SP1.6. Instrução 4 : Em seguida, peça para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustre a queixa que você escolheu para iniciar o tratamento.	
SP1.7. Instrução 5: Em seguida, quando a cliente acabar de relatar o exemplo, identifique se o exemplo tem os três componentes essenciais para iniciar a análise da queixa. Os componentes essenciais que devem estar no exemplo são: antecedente, resposta e consequência. Preste atenção: focalize a resposta emitida pela cliente, o antecedente da resposta da cliente e a consequência da resposta da cliente.	

<p>SP1.8. Instrução 6: Em seguida, se necessário, faça perguntas para a cliente, de tal maneira que fique claro para você quais são os três componentes.</p>	
<p>SP1.9. Instrução 7: Em seguida, faça no papel um quadro com três colunas, mostrando o que está fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreva antecedente, no alto da segunda coluna escreva resposta e no alto da terceira coluna escreva consequência.</p>	
<p>SP1.10. Instrução 8: Em seguida, preencha a coluna do meio com uma das respostas tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência uma das respostas da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP1.11. Instrução 9: Em seguida, preencha a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta por você escolhida tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP1.12. Instrução 10: Em seguida, preencha a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta por você escolhida tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo deve ser feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente. Ao escrever, vá lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, pergunte se a cliente concorda com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP1.13. Instrução 11: Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, diga que juntos vocês construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento. Diga que a Tríplice Contingência de Reforçamento é composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.</p>	

SP1.14. Instrução 12: Em seguida, diga que na próxima sessão você vai explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederemos para ajudar sua cliente.	
SP1.15. Instrução 13: Faça o encerramento da sessão com sua cliente quando considerar que chegou ao fim. Diga que se verão na próxima sessão.	
SP1.16. Consideração final: Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.	

NOME DO JUIZ:	
NOME DA SUPERVISORA:	
SUPERVISÃO COM USO DO PROCEDIMENTO 2 (Instrução+Autoclítico)	
Comportamentos da Supervisora:	Ocorreu / Não Ocorreu
SP2.1. Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sua sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante.	
SP2.2. Continuando sua supervisão.	
SP2.3. Você irá notar que no seu roteiro de instruções existem palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito.	
SP2.4. As palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito nas instruções são as mais importantes.	
SP2.5. Quando eu terminar a leitura das instruções, vou pedir para você verbalizar para mim apenas as palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito.	
SP2.6. Siga comigo a leitura das instruções.	
SP2.7. Instrução 1: <u>INICIE</u> a sessão <u>FAZENDO</u> algum <u>COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO</u> para a cliente.	
SP2.8. Instrução 2: <u>EM SEGUIDA</u> , <u>REPITA</u> para sua cliente, <u>COM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS</u> as <u>DUAS QUEIXAS</u> que ela relatou na primeira sessão.	
SP2.9. Instrução 3: <u>EM SEGUIDA</u> , <u>DIGA PARA SUA CLIENTE COM QUAL DAS QUEIXAS VOCÊ IRÁ COMECAR</u> o tratamento.	

<p>SP2.10. Instrução 4: <u>EM SEGUIDA, PEÇA</u> para a cliente dar <u>UM EXEMPLO</u> que tenha ocorrido <u>QUE ILUSTRE A QUEIXA</u> que você escolheu para iniciar o tratamento.</p>	
<p>SP2.11. Instrução 5: <u>EM SEGUIDA</u>, quando a cliente acabar de relatar o exemplo, <u>IDENTIFIQUE SE NO EXEMPLO TEM OS TRÊS COMPONENTES ESSENCIAIS PARA INICIAR A ANÁLISE DA QUEIXA. OS COMPONENTES</u> essenciais <u>QUE DEVEM ESTAR NO EXEMPLO</u> são: <u>ANTECEDENTE, RESPOSTA</u> e <u>CONSEQUÊNCIA. PRESTE ATENÇÃO: FOCALIZE A RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE, O ANTECEDENTE DA RESPOSTA DA CLIENTE E A CONSEQUÊNCIA DA RESPOSTA DA CLIENTE.</u></p>	
<p>SP2.12. Instrução 6: <u>EM SEGUIDA, SE NECESSÁRIO, FAÇA PERGUNTAS PARA A CLIENTE</u>, de tal maneira <u>QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ QUAIS SÃO OS TRÊS COMPONENTES.</u></p>	
<p>SP2.13. Instrução 7: <u>EM SEGUIDA, FAÇA NO PAPEL UM QUADRO COM TRÊS COLUNAS, MOSTRANDO</u> o que está fazendo <u>PARA CLIENTE</u>. No alto da <u>PRIMEIRA COLUNA ESCREVA ANTECEDENTE</u>, no alto da <u>SEGUNDA COLUNA ESCREVA RESPOSTA</u> e no alto da <u>TERCEIRA COLUNA ESCREVA CONSEQUÊNCIA.</u></p>	
<p>SP2.14. Instrução 8: <u>EM SEGUIDA, PREENCHA A COLUNA DO MEIO COM UMA DAS RESPOSTAS</u> tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo <u>DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA UMA DAS RESPOSTAS DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE</u> acompanhar sua redação. <u>NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA</u> com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP2.15. Instrução 9: <u>EM SEGUIDA, PREENCHA A PRIMEIRA COLUNA COM O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA</u> tirado do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo <u>DEVE</u></p>	

<p><u>SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA O ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE</u> acompanhar sua redação. <u>NO FINAL PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA</u> com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP2.16. Instrução 10: <u>EM SEGUIDA, PREENCHA A TERCEIRA COLUNA COM A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA POR VOCÊ ESCOLHIDA</u> tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo <u>DEVE SER FEITA TENDO COMO REFERÊNCIA A CONSEQUÊNCIA PRODUZIDA PELA RESPOSTA DA CLIENTE. AO ESCREVER, VÁ LENDO EM VOZ ALTA PARA A CLIENTE</u> acompanhar sua redação. <u>NO FINAL, PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDA</u> com o que você escreveu naquela coluna.</p>	
<p>SP2.17. Instrução 11: <u>EM SEGUIDA, APÓS O PREENCHIMENTO DAS COLUNAS</u> com todas as informações, <u>DIGA</u> que juntos <u>VOCÊS CONSTRUÍRAM A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO. DIGA QUE A TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO É COMPOSTA PELA RESPOSTA, PELO ANTECEDENTE QUE EVOCOU A RESPOSTA E PELA CONSEQUÊNCIA QUE A RESPOSTA PRODUZIU.</u></p>	
<p>SP2.18. Instrução 12: <u>EM SEGUIDA, DIGA QUE NA PRÓXIMA SESSÃO VOCÊ VAI EXPLICAR COMO ESSES TRÊS COMPONENTES DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO INTERAGEM</u> entre si <u>PARA EXPLICAR O QUE ACONTECE NA QUEIXA E COMO PROCEDEREMOS PARA AJUDAR SUA CLIENTE.</u></p>	
<p>SP2.19. Instrução 13: <u>FAÇA O ENCERRAMENTO DA SESSÃO</u> com sua cliente <u>QUANDO CONSIDERAR QUE CHEGOU AO FIM. DIGA QUE SER VERÃO NA PRÓXIMA SESSÃO.</u></p>	
<p>SP2. 20. Consideração final: Você deve estudar as instruções antes do seu próximo atendimento.</p>	

NOME DO JUIZ:	
NOME DA SUPERVISORA:	
SUPERVISÃO COM USO DO PROCEDIMENTO 3 (Instrução+Autoclítico+Modelo)	
Comportamentos da Supervisora:	Ocorreu / Não Ocorreu
SP3.1. Li sua transcrição e assisti ao vídeo da sua sessão. Os objetivos de sua sessão foram cumpridos. Podemos seguir adiante.	
SP3.2. Continuando sua supervisão.	
SP3.3. Você irá notar que no seu roteiro de instruções existem palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito.	
SP3.4. As palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito nas instruções são as mais importantes.	
SP3.5. Quando eu terminar a leitura das instruções, vou pedir para você verbalizar para mim apenas as palavras ou frases sublinhadas e escritas em caixa alta e em negrito.	
SP3.6. Para quase todas as instruções fornecidas por mim, darei um modelo de como executar a instrução. Para a confecção dos modelos que irei oferecer, usarei queixa e nome fictícios. Depois, pedirei para você fazer igual a mim. Use as informações do atendimento com a sua cliente.	
SP3.7. Siga comigo a leitura das instruções.	
SP3.8. O nome fictício da cliente será <u>FLÁVIA</u> . A <u>QUEIXA SIMULADA</u> será a <u>TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE</u> de Flávia e a <u>DIFICULDADE NA RELAÇÃO PROFISSIONAL</u> entre Flávia e o Chefe.	

<p>SP3.9. Instrução 1: <u>ANTES DE INICIAR A SESSÃO</u>, faça <u>ALGUM COMENTÁRIO DE ACOLHIMENTO</u> para a cliente e ouça as primeiras verbalizações.</p>	
<p>SP3.10. MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, COMO FOI SUA SEMANA?”</u> ou <u>“FLÁVIA, COMO VOCÊ PASSOU ESSES DIAS?”</u> <u>NA INTERAÇÃO COM SUA CLIENTE, MOVIMENTE A CABEÇA DE MODO AFIRMATIVO E DIGA POR EXEMPLO: “ENTENDI, FLÁVIA.”</u></p>	
<p>SP3.11. AGORA FAÇA IGUAL A MIM com os dados de sua cliente.</p>	
<p>SP3.12. Instrução 2: No início da sessão, <u>VERBALIZE</u> para sua cliente <u>AS QUEIXAS</u> que ela relatou na primeira sessão.</p>	
<p>SP3.13. MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, NA ÚLTIMA SESSÃO VOCÊ ME APRESENTOU DUAS QUEIXAS. UMA, FOI SUA TRISTEZA SEM MOTIVO APARENTE E A OUTRA, FOI SUA DIFICULDADE NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”</u></p>	
<p>SP3.14. AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>SP3.15. Instrução 3: Na sessão, <u>ESCOLHA, UMA DAS QUEIXAS</u> verbalizadas pela cliente e <u>DIGA QUE IRÁ COMEÇAR A TRABALHAR POR ELA.</u></p>	
<p>SP3.16. MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, VAMOS INICIAR NOSSO TRABALHO PELA DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM NA RELAÇÃO COM O SEU CHEFE.”</u></p>	
<p>SP3.17. AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.</p>	
<p>P3.18 Instrução 4: Na sessão, <u>PEÇA</u> para a cliente dar um <u>EXEMPLO QUE ILUSTRE</u> o que ela quer dizer com <u>A QUEIXA</u> que você escolheu para iniciar o trabalho.</p>	

<p>P3.19 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, ME CONTE UMA INTERAÇÃO ou UM EXEMPLO QUE OCORREU ENTRE VOCÊ E SEU CHEFE QUE REVELA AS SUAS DIFICULDADES NA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.”</u></p>	
<p>P3.20 FLÁVIA diria: “Ontem mesmo ocorreu a situação do <i>email</i>. Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”</p>	
<p>P3.21 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.</p>	
<p>P3.22 Instrução 5: Na sessão, quando a cliente relatar o exemplo, <u>VERBALIZE</u> que <u>O EXEMPLO É ÓTIMO E QUE IRÁ COMEÇAR POR ELE.</u></p>	
<p>P3.23 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ RELATOU SOBRE O EPISÓDIO DO <i>EMAIL</i> ESTÁ ÓTIMO. VAMOS COMEÇAR POR ELE.”</u></p>	
<p>P3.24 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>P3.25 <u>SE O EXEMPLO DADO NÃO FOR BOM, PEÇA OUTRO EXEMPLO. QUANDO A CLIENTE TERMINAR O NOVO EXEMPLO, FAÇA UMA PAUSA E SE PRECISAR USE UM GESTO COM AS MÃOS PARA ENFATIZAR SUA PAUSA.</u></p>	
<p>P3.26 MODELO: DIGA POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, VOCÊ PODE ME DAR OUTRO EXEMPLO QUE DESCREVA MELHOR A DIFICULDADE QUE VOCÊ TEM COM SEU CHEFE? FALE COM CALMA, POR FAVOR. (use gestos com suas mãos) ESSE SEGUNDO EXEMPLO ESTÁ ÓTIMO! VAMOS COMEÇAR POR ELE. NÃO HÁ NECESSIDADE DE MAIS EXEMPLOS, EU JÁ ENTENDI VOCÊ.”</u></p>	
<p>P3.27 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	

<p>P3.28 Instrução 6: Na sessão, <u>INICIE A DIVISÃO DO EXEMPLO DADO EM TRÊS TERMOS PARA A CLIENTE ENTENDER O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO.</u> Para isso, <u>APROXIME-SE DE SUA CLIENTE COM A PRANCHETA NAS MÃOS, DE MODO QUE ELA CONSIGA ENXERGAR O QUE VOCÊ IRÁ FAZER,</u> e <u>DESENHE</u> no papel um <u>QUADRO COM 03 COLUNAS. MOSTRE PARA A CLIENTE O QUE VOCÊ ESTÁ DESENHANDO. LEIA PARA ELA O QUE VOCÊ ESTÁ ESCRREVENDO NAS COLUNAS.</u></p>	
<p>P3.29 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, VOU DIVIDIR ESSE EXEMPLO QUE VOCÊ ME DEU DE MODO QUE FIQUE CLARO PARA VOCÊ O QUE OCORREU NESSE EXEMPLO. ENTÃO FLÁVIA:</u></p>	
<p>P3.30 <u>PRIMEIRO, VOU ME APROXIMAR DE VOCÊ COM A PRANCHETA PARA QUE VOCÊ POSSA ACOMPANHAR COMIGO O QUE IREI DESENHAR E ESCRREVER.</u></p>	
<p>P3.31 <u>SEGUNDO, VOU DESENHAR UM QUADRO COM 03 COLUNAS. VOU ESCRREVER OS NOMES NESSAS COLUNAS: RESPOSTA, QUE É A COLUNA DO MEIO, ANTECEDENTE QUE É A PRIMEIRA COLUNA E CONSEQUÊNCIA QUE É A TERCEIRA COLUNA. VEJA:</u></p>	
<p>P3.32 <u>TERCEIRO, LOGO MAIS VOU PREENCHER ESSAS COLUNAS COM AS INFORMAÇÕES DESSE EXEMPLO. ANTES, VOU COMPREENDER MELHOR O EXEMPLO QUE VOCÊ ME RELATOU.</u></p>	
<p>P3.33 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>P3.34 Instrução 7: <u>VERBALIZE O EXEMPLO</u> que sua cliente relatou. <u>A PARTIR DELE, IDENTIFIQUE SE A CLIENTE INICIOU O RELATO DESCRREVENDO A RESPOSTA EMITIDA</u> ou <u>SE ELA INICIOU VERBALIZANDO O ANTECEDENTE DESSA RESPOSTA</u> ou <u>SE ELA INICIOU VERBALIZANDO A CONSEQUÊNCIA DESSA RESPOSTA.</u> Após fazer essa identificação, <u>VOCÊ DEVE REPETIR PARA A CLIENTE O TERMO IDENTIFICADO</u> e <u>PERGUNTAR SE A CLIENTE CONCORDA COM ESSA IDENTIFICAÇÃO.</u></p>	

<p>P3.35 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, VOCÊ ME CONTOU SOBRE O EPISÓDIO DO <i>EMAIL</i> E ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA E QUE BRIGOU COM VOCÊ. A BRONCA DO SEU CHEFE E A BRIGA QUE ELE TEVE COM VOCÊ SÃO CONSEQUÊNCIAS PRODUZIDAS POR UMA DETERMINADA AÇÃO QUE VOCÊ TEVE. VOCÊ CONCORDA COMIGO? FOI ISSO MESMO?”</u></p>	
<p>P3.36 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>P3.37 Instrução 8: <u>APÓS IDENTIFICAR QUALQUER UM DOS TERMOS, RESPOSTA OU ANTECEDENTE OU CONSEQUÊNCIA, VOCÊ DEVE FAZER NOVAS PERGUNTAS PARA IDENTIFICAR OS OUTROS DOIS TERMOS QUE AINDA FALTAM. PERGUNTE SE A CLIENTE CONCORDOU COM TUDO QUE VOCÊ NARROU SOBRE O QUE ELA DISSE.</u></p>	
<p>P3.38 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, NO SEU EXEMPLO, A BRONCA DO SEU CHEFE É A CONSEQUÊNCIA DE UMA AÇÃO SUA. CONCORDA COMIGO? AGORA FLÁVIA, ME DIGA O QUE VOCÊ FEZ PARA PRODUZIR ESSA BRONCA?”</u></p>	
<p>P3.39 FLÁVIA, diria: “Foi assim, ele me deu essa bronca por eu ter esquecido de enviar o <i>email</i>.”</p>	
<p>P3.40 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, AGORA ME DIGA O QUE ACONTECEU ANTES DE VOCÊ EMITIR ESSA RESPOSTA DE TER ESQUECIDO DE ENVIAR O <i>EMAIL</i>?”</u></p>	
<p>P3.41 FLÁVIA, diria: “Meu chefe, logo de manhã, me pediu para eu redigir um <i>email</i> e enviar até o horário do almoço para o Gerente Geral. Eu redigi, mas eu me esqueci de enviar. Daí levei a maior bronca.”</p>	

<p>P3.42 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.</p>								
<p>P3.43 Instrução 9: <u>APÓS A IDENTIFICAÇÃO DOS TRÊS TERMOS, VOCÊ DEVE PREENCHER</u> o quadro com as três colunas. <u>O PREENCHIMENTO DO QUADRO DEVE SER FEITO PELO TERAPEUTA. O TERAPEUTA É RESPONSÁVEL POR COLETAR AS INFORMAÇÕES DO CLIENTE. INICIE O PREENCHIMENTO DO QUADRO PELA COLUNA DA RESPOSTA EMITIDA PELA CLIENTE. VERBALIZE ISSO PARA ELA.</u></p>								
<p>P3.44 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, ACOMPANHE COMIGO. VAMOS INICIAR O PREENCIMENTO DESSE QUADRO PELA COLUNA DO MEIO QUE É A COLUNA DA RESPOSTA. COLOCAREI AQUI A SUA RESPOSTA. VOCÊ ME DISSE QUE REDIGIU O <i>EMAIL</i> MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA COLUNA DO MEIO VOU ESCREVER ASSIM: FLÁVIA REDIGIU O <i>EMAIL</i> MAS SE ESQUECEU DE ENVIAR.”</u></p> <table border="1" data-bbox="215 1024 1335 1251"> <thead> <tr> <th>ANTECEDENTE</th> <th>RESPOSTA</th> <th>CONSEQUÊNCIA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td>Flávia redigiu o <i>email</i>, mas se esqueceu de enviar.</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>			ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA		Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.	
ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA						
	Flávia redigiu o <i>email</i> , mas se esqueceu de enviar.							
<p>P3.45 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.</p>								

<p>P3.50 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>		
<p>P3.51 Instrução 11: Depois de ter preenchido a coluna da resposta e a coluna do antecedente, <u>PREENCHA NO QUADRO A COLUNA DA CONSEQUÊNCIA. VERBALIZE ISSO PARA CLIENTE. INVESTIGUE COM UMA PERGUNTA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE SUA CLIENTE EMITIR A RESPOSTA DADA.</u></p>		
<p>P3.52 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, CONTINUE ACOMPANHANDO COMIGO. AGORA VAMOS PREENCHER A TERCEIRA COLUNA CHAMADA CONSEQUÊNCIA. NESSA COLUNA, COLOCAREI O QUE ACONTECEU DEPOIS DESSA RESPOSTA EMITIDA POR VOCÊ. ENTÃO, FLÁVIA, ME DIGA O QUE ACONTECEU DEPOIS DE VOCÊ TER REDIGIDO ESSE <i>EMAIL</i>?”</u></p>		
<p>P3.53 FLÁVIA diria: “Meu chefe me deu uma bronca, brigou comigo.”</p>		
<p>P3.54 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>VOCÊ ME DISSE QUE SEU CHEFE TE DEU UMA BRONCA, BRIGOU COM VOCÊ. CONCORDA COMIGO QUE FOI ISSO? ENTÃO, VEJA AQUI NO QUADRO COMO ESTOU ESCRREVENDO ESSA INFORMAÇÃO. NA TERCEIRA COLUNA VOU ESCREVER ASSIM: CHEFE DEU UMA BRONCA, BRICOU COM FLÁVIA.</u></p>		
ANTECEDENTE	RESPOSTA	CONSEQUÊNCIA
<p>Chefe pede para Flávia redigir e enviar <i>email</i> para Gerente Geral antes do horário do almoço.</p>	<p>Flávia redigiu o <i>email</i>, mas se esqueceu de enviar.</p>	<p>Chefe deu uma bronca, brigou com Flávia.</p>

<p>P3.55 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>P3.56 Instrução12: <u>APÓS A CONSTRUÇÃO DO QUADRO, LEVE SUA CLIENTE A COMPREENDER QUE AS INFORMAÇÕES PRESENTES NELE COMPÕEM O PARADIGMA DA TRÍPLICE CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO. ESSE PARADIGMA EXPLICA COMO SE ESTABELECE A INTERAÇÃO DA SUA CLIENTE COM A PESSOA ENVOLVIDA.</u></p>	
<p>P3.57 MODELO 12: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, ESSE QUADRO PREENCHIDO COM O ANTECEDENTE, COM A RESPOSTA E COM A CONSEQUÊNCIA FORMA UM PARADIGMA QUE EXPLICA COMO SE DÁ A SUA RELAÇÃO COM SEU CHEFE.</u></p>	
<p>P3.58 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados de sua cliente.</p>	
<p>P3.59 Instrução 13: <u>ENCERRE A SESSÃO e AVISE A CLIENTE QUE VOCÊ IRÁ ANALISAR O SIGIFICADO DESSE PARADIGMA NA PRÓXIMA SESSÃO.</u></p>	
<p>P3.60 MODELO: DIGA, POR EXEMPLO: <u>“FLÁVIA, POR HOJE ESTÁ MUITO BOM, CONSTRUIMOS JUNTOS ESSE PARADIGMA.</u> Na próxima sessão, <u>IREMOS JUNTOS ANALISAR O SIGNIFICADO DELE.</u></p>	
<p>P3.61 AGORA FAÇA IGUAL A MIM, com os dados da sua cliente.</p>	

Apêndice P - Folha de Registro dos Juizes de Desempenho do Psicoterapeuta

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO LIVRE	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Ocorreu / Não Ocorreu
AL.1. Iniciou a sessão dizendo o nome e perguntou diretamente para a cliente o que a fez procurar terapia.	
AL.2. Deixou a cliente falar espontaneamente.	
AL.3. Fez perguntas que considerou necessárias para obter o máximo de informações sobre o que a cliente estava verbalizando.	
AL.4. Não introduzindo novos temas.	
AL.5. Não se preocupou com a duração da sessão. Usou o tempo que achou necessário.	
AL.6. Fez o encerramento da sessão com a cliente quando considerou que chegou ao fim e disse que se veriam na próxima sessão.	

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 1 (Instrução)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Ocorreu / Não Ocorreu
AP1.1. Iniciou a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.	
AP1.2. Em seguida, repetiu para a cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão.	
AP1.3. Em seguida, disse para a cliente com qual das duas queixas iria começar o tratamento.	
AP1.4. Em seguida, pediu para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustrasse a queixa que a terapeuta escolheu para iniciar o tratamento.	
AP1.5. Em seguida, quando a cliente acabou de relatar o exemplo ou os exemplos, o terapeuta selecionou e explicitou para a cliente qual exemplo iria analisar.	
AP1.6. Em seguida, o terapeuta verbalizou qual a resposta da cliente iria analisar, qual o antecedente dessa resposta e qual a consequência dessa resposta.	

<p>AP1.7. Em seguida, fez perguntas para a cliente de tal maneira que ficasse claro para o terapeuta quais eram os três componentes.</p>	
<p>AP1.8. Em seguida, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência.</p>	
<p>AP1.9. Em seguida, preencheu a coluna do meio com a resposta tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a respostas da cliente.</p>	
<p>AP1.10. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP1.11. Em seguida, preencheu a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente.</p>	
<p>AP1.12. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP1.13. Em seguida, preencheu a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente.</p>	

<p>AP1.14. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP1.15. Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, terapeuta disse que juntos construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento.</p>	
<p>AP1.16. Em seguida, verbalizou que a Tríplice Contingência de Reforçamento era composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.</p>	
<p>AP1.17. Em seguida, verbalizou que na próxima sessão iria explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederá para ajudar a cliente.</p>	
<p>AP1.18. Fez o encerramento da sessão com a cliente quando considerou que chegou ao fim. Disse que se veriam na próxima sessão.</p>	

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 2 (Instrução+Autoclítico)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Ocorreu / Não Ocorreu
AP2.1. Iniciou a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.	
AP2.2. Em seguida, repetiu para a cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão.	
AP2.3. Em seguida, disse para a cliente com qual das duas queixas iria começar o tratamento.	
AP2.4. Em seguida, pediu para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustrasse a queixa que a terapeuta escolheu para iniciar o tratamento.	
AP2.5. Em seguida, quando a cliente acabou de relatar o exemplo ou os exemplos, o terapeuta selecionou e explicitou para a cliente qual exemplo iria analisar.	
AP2.6. Em seguida, o terapeuta verbalizou qual a resposta da cliente iria analisar, qual o antecedente dessa resposta e qual a consequência dessa resposta.	

<p>AP2.7. Em seguida, fez perguntas para a cliente de tal maneira que ficasse claro para o terapeuta quais eram os três componentes.</p>	
<p>AP2.8. Em seguida, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência.</p>	
<p>AP2.9. Em seguida, preencheu a coluna do meio com a resposta tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a respostas da cliente.</p>	
<p>AP2.10. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP2.11. Em seguida, preencheu a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente.</p>	
<p>AP2.12. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP2.13. Em seguida, preencheu a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente.</p>	

<p>AP2.14. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	
<p>AP2.15. Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, terapeuta disse que juntos construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento.</p>	
<p>AP2.16. Em seguida, verbalizou que a Tríplice Contingência de Reforçamento era composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.</p>	
<p>AP2.17. Em seguida, verbalizou que na próxima sessão iria explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederá para ajudar a cliente.</p>	
<p>AP2.18. Fez o encerramento da sessão com a cliente quando considerou que chegou ao fim. Disse que se veriam na próxima sessão.</p>	

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 3 (Instrução+Autoclítico+Modelo)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Ocorreu / Não Ocorreu
AP3.1. Antes de iniciar a sessão, o terapeuta fez algum comentário de acolhimento para a cliente e ouviu as primeiras verbalizações. (o modelo foi fornecido)	
AP3.2. No início da sessão, o terapeuta verbalizou as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão. (o modelo foi fornecido)	
AP3.3. Em seguida, o terapeuta escolheu uma das queixas verbalizadas pela cliente e disse que iria começar o tratamento por ela. (o modelo foi fornecido)	
AP3.4. Na sessão, pediu para a cliente dar um exemplo que ilustrasse a queixa que o terapeuta escolheu para iniciar o tratamento. (o modelo foi fornecido)	
AP3.5. Quando a cliente acabou de relatar o exemplo, o terapeuta verbalizou que o exemplo era ótimo e que iria começar por ele. (o modelo foi fornecido)	
AP3.6. Caso o exemplo dado não tenha sido bom, o terapeuta pediu outro exemplo. Quando a cliente terminou o novo exemplo, o terapeuta usou o novo exemplo para começar. (o modelo foi fornecido)	

<p>AP3.7. Na sessão, disse que iria fazer a divisão do exemplo dado em três termos para a cliente entender o que ocorreu no exemplo. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.8. Aproximou-se da cliente com a prancheta nas mãos, de modo que a cliente conseguisse enxergar o que o terapeuta iria desenhar e escrever. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.9. Na sessão, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.10. Verbalizou que iria preencher essas colunas com as informações do exemplo relatado pela cliente. Mas antes, buscou compreender melhor o exemplo relatado com mais perguntas. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.11. Verbalizou o exemplo que a cliente relatou e a partir dele, identificou se a cliente iniciou o relato descrevendo a resposta emitida pela cliente ou se iniciou verbalizando o antecedente dessa resposta emitida pela cliente ou se iniciou verbalizando a consequência dessa resposta emitida pela cliente. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.12. Repetiu para a cliente o termo identificado e perguntou se a cliente concordava com essa identificação. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.13. Após a verbalização de qualquer um dos termos, antecedente, resposta ou consequência, o terapeuta fez novas perguntas para identificar os outros dois termos que ainda faltavam. No final, perguntou se a cliente concordava com tudo que o terapeuta narrava sobre o que ela disse. (o modelo foi fornecido)</p>	

<p>AP3.14. Após a identificação dos três termos, o terapeuta preencheu o quadro com as três colunas. Iniciou o preenchimento do quadro pela coluna da resposta emitida pela cliente. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.15. Verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na coluna do meio, que é a coluna da resposta. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP.16. Depois de preencher a coluna da resposta, o terapeuta preencheu no quadro a coluna do antecedente. Verbalizou que faria isso para a cliente. Fez perguntas sobre o que aconteceu antes da cliente emitir a resposta dada. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.17.Iniciou o preenchimento da primeira coluna e verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na primeira coluna. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.18. Depois o terapeuta preencheu no quadro a coluna da consequência. Verbalizou que faria isso para a cliente. Fez perguntas sobre o que aconteceu depois da cliente emitir a resposta dada. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.19. Iniciou o preenchimento da terceira coluna e verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na última coluna. (o modelo foi fornecido)</p>	
<p>AP3.20. Após o preenchimento das colunas, o terapeuta verbalizou para a cliente que as informações presentes nele compõem o paradigma da Tríplice Contingência de Reforçamento e que esse paradigma explica como se estabelece a interação da cliente com a pessoa envolvida .</p>	
<p>AP3.21 Fez o encerramento da sessão e avisou a cliente que o terapeuta iria analisar o significado desse paradigma na próxima sessão.</p>	

Apêndice Q - Folha de Registro com a Classificação dos Comportamentos Gerais e Específicos emitidos pelo Psicoterapeuta

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 1 (Instrução)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Comportamento Geral (G) ou Comportamento Específico (E)
AP1.1. Iniciou a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.	G
AP1.2. Em seguida, repetiu para a cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão.	G
AP1.3. Em seguida, disse para a cliente com qual das duas queixas iria começar o tratamento.	G
AP1.4. Em seguida, pediu para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustrasse a queixa que a terapeuta escolheu para iniciar o tratamento.	G
AP1.5. Em seguida, quando a cliente acabou de relatar o exemplo ou os exemplos, o terapeuta selecionou e explicitou para a cliente qual exemplo iria analisar.	E
AP1.6. Em seguida, o terapeuta verbalizou qual a resposta da cliente iria analisar, qual o antecedente dessa resposta e qual a consequência dessa resposta.	E

AP1.7. Em seguida, fez perguntas para a cliente de tal maneira que ficasse claro para o terapeuta quais eram os três componentes.	E
AP1.8. Em seguida, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência.	E
AP1.9. Em seguida, preencheu a coluna do meio com a resposta tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a respostas da cliente.	E
AP1.10. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.	E
AP1.11. Em seguida, preencheu a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente.	E
AP1.12. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.	E
AP1.13. Em seguida, preencheu a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente.	E
AP1.14. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.	E

AP1.15. Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, terapeuta disse que juntos construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento.	E
AP1.16. Em seguida, verbalizou que a Tríplice Contingência de Reforçamento era composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.	E
AP1.17. Em seguida, verbalizou que na próxima sessão iria explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederá para ajudar a cliente.	E
AP1.18. Fez o encerramento da sessão com a cliente quando considerou que chegou ao fim. Disse que se veriam na próxima sessão.	G

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 2 (Instrução+Autoclítico)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Comportamento Geral (G) ou Comportamento Específico (E)
AP2.1. Iniciou a sessão fazendo algum comentário de acolhimento para a cliente.	G
AP2.2. Em seguida, repetiu para a cliente, com suas próprias palavras, as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão.	G
AP2.3. Em seguida, disse para a cliente com qual das duas queixas iria começar o tratamento.	G
AP2.4. Em seguida, pediu para a cliente dar um exemplo que tenha ocorrido que ilustrasse a queixa que a terapeuta escolheu para iniciar o tratamento.	G
AP2.5. Em seguida, quando a cliente acabou de relatar o exemplo ou os exemplos, o terapeuta selecionou e explicitou para a cliente qual exemplo iria analisar.	E
AP2.6. Em seguida, o terapeuta verbalizou qual a resposta da cliente iria analisar, qual o antecedente dessa resposta e qual a consequência dessa resposta.	E
AP2.7. Em seguida, fez perguntas para a cliente de tal maneira que ficasse claro para o terapeuta quais eram os três componentes.	E

<p>AP2.8. Em seguida, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência.</p>	E
<p>AP2.9. Em seguida, preencheu a coluna do meio com a resposta tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a respostas da cliente.</p>	E
<p>AP2.10. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	E
<p>AP2.11. Em seguida, preencheu a primeira coluna com o antecedente que evocou a resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência o antecedente que evocou a resposta da cliente.</p>	E
<p>AP2.12. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	E
<p>AP2.13. Em seguida, preencheu a terceira coluna com a consequência produzida pela resposta, pelo terapeuta escolhida, tirada do exemplo dado pela cliente. A análise do exemplo foi feita tendo como referência a consequência produzida pela resposta da cliente.</p>	E
<p>AP2.14. Ao escrever na coluna, foi lendo em voz alta para a cliente acompanhar sua redação. No final, perguntou se a cliente concordou com o que o terapeuta escreveu naquela coluna.</p>	E
<p>AP2.15. Em seguida, após o preenchimento das colunas com todas as informações, terapeuta disse que juntos construíram a Tríplice Contingência de Reforçamento.</p>	E

AP2.16. Em seguida, verbalizou que a Tríplice Contingência de Reforçamento era composta pela resposta, pelo antecedente que evocou a resposta e pela consequência que a resposta produziu.	E
AP2.17. Em seguida, verbalizou que na próxima sessão iria explicar como esses três componentes da Tríplice Contingência de Reforçamento interagem entre si para explicar o que acontece na queixa e como procederá para ajudar a cliente.	E
AP2.18. Fez o encerramento da sessão com a cliente quando considerou que chegou ao fim. Disse que se veriam na próxima sessão.	G

NOME DO JUIZ:	
NOME DO PSICOTERAPEUTA:	
ATENDIMENTO COM USO DO PROCEDIMENTO 3 (Instrução+Autoclítico+Modelo)	
Comportamentos do Psicoterapeuta:	Comportamento Geral (G)ou Comportamento Específico (E)
AP3.1. Antes de iniciar a sessão, o terapeuta fez algum comentário de acolhimento para a cliente e ouviu as primeiras verbalizações. (o modelo foi fornecido)	G
AP3.2. No início da sessão, o terapeuta verbalizou as duas queixas que a cliente relatou na primeira sessão. (o modelo foi fornecido)	G
AP3.3. Em seguida, o terapeuta escolheu uma das queixas verbalizadas pela cliente e disse que iria começar o tratamento por ela. (o modelo foi fornecido)	G
AP3.4. Na sessão, pediu para a cliente dar um exemplo que ilustrasse a queixa que o terapeuta escolheu para iniciar o tratamento. (o modelo foi fornecido)	G
AP3.5. Quando a cliente acabou de relatar o exemplo, o terapeuta verbalizou que o exemplo era ótimo e que iria começar por ele. (o modelo foi fornecido)	G

AP3.6. Caso o exemplo dado não tenha sido bom, o terapeuta pediu outro exemplo. Quando a cliente terminou o novo exemplo, o terapeuta usou o novo exemplo para começar. (o modelo foi fornecido)	G
AP3.7. Na sessão, disse que iria fazer a divisão do exemplo dado em três termos para a cliente entender o que ocorreu no exemplo. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.8. Aproximou-se da cliente com a prancheta nas mãos, de modo que a cliente conseguisse enxergar o que o terapeuta iria desenhar e escrever. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.9. Na sessão, fez no papel um quadro com três colunas, mostrando o que estava fazendo para a cliente. No alto da primeira coluna escreveu antecedente, no alto da segunda coluna escreveu resposta e no alto da terceira coluna escreveu consequência. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.10. Verbalizou que iria preencher essas colunas com as informações do exemplo relatado pela cliente. Mas antes, buscou compreender melhor o exemplo relatado com mais perguntas. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.11. Verbalizou o exemplo que a cliente relatou e a partir dele, identificou se a cliente iniciou o relato descrevendo a resposta emitida pela cliente ou se iniciou verbalizando o antecedente dessa resposta emitida pela cliente ou se iniciou verbalizando a consequência dessa resposta emitida pela cliente. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.12. Repetiu para a cliente o termo identificado e perguntou se a cliente concordava com essa identificação. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.13. Após a verbalização de qualquer um dos termos, antecedente, resposta ou consequência, o terapeuta fez novas perguntas para identificar os outros dois termos que ainda faltavam. No final, perguntou se a cliente concordava com tudo que o terapeuta narrava sobre o que ela disse. (o modelo foi fornecido)	E

AP3.14. Após a identificação dos três termos, o terapeuta preencheu o quadro com as três colunas. Iniciou o preenchimento do quadro pela coluna da resposta emitida pela cliente. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.15. Verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na coluna do meio, que é a coluna da resposta. (o modelo foi fornecido)	E
AP.16. Depois de preencher a coluna da resposta, o terapeuta preencheu no quadro a coluna do antecedente. Verbalizou que faria isso para a cliente. Fez perguntas sobre o que aconteceu antes da cliente emitir a resposta dada. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.17. Iniciou o preenchimento da primeira coluna e verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na primeira coluna. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.18. Depois o terapeuta preencheu no quadro a coluna da consequência. Verbalizou que faria isso para a cliente. Fez perguntas sobre o que aconteceu depois da cliente emitir a resposta dada. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.19. Iniciou o preenchimento da terceira coluna e verbalizou para a cliente o que estava escrevendo na última coluna. (o modelo foi fornecido)	E
AP3.20. Após o preenchimento das colunas, o terapeuta verbalizou para a cliente que as informações presentes nele compõem o paradigma da Tríplice Contingência de Reforçamento e que esse paradigma explica como se estabelece a interação da cliente com a pessoa envolvida .	E
AP3.21 Fez o encerramento da sessão e avisou a cliente que o terapeuta iria analisar o significado desse paradigma na próxima sessão.	G